

Isabella Guimarães Lima e Silva

O MERCADO DE AVENTURA EM BELO HORIZONTE NA
PERSPECTIVA DOS GESTORES

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia
Ocupacional/UFMG
2021

Isabella Guimarães Lima e Silva

O MERCADO DE AVENTURA EM BELO HORIZONTE NA
PERSPECTIVA DOS GESTORES

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof. Ms. Luiz Gustavo Nicácio

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

2021

Evitar o perigo não é, a longo prazo, tão seguro quanto se expor ao perigo. A vida é uma aventura ousada ou, então, não é nada.
(Helen Keller)

AGRADECIMENTOS

Com este trabalho, encerro um ciclo importante da minha vida, o período de graduação, rico em aprendizados no âmbito das formalidades que envolvem o ensino superior e das informalidades que permeiam essa fase da vida. Dedico esse espaço da monografia para agradecer a todas as pessoas que contribuíram com esse processo.

À minha família, por incentivar o ingresso no ensino superior e me apoiar durante todo esse período.

Às minhas amigas e meus amigos, segunda família que constitui em Belo Horizonte, por terem me acolhido e tornarem o período de graduação mais leve.

Ao PET Educação Física e Lazer, por ter me dado a oportunidade de trabalhar com pessoas especiais e ter sido fundamental em minhas escolhas durante a graduação.

À todas (os) as (os) professoras (es) que me auxiliaram nesse processo e que acreditam em uma educação emancipadora. Em especial, ao professor Luiz Nicácio, pela orientação, apoio e compreensão que possibilitou a realização deste trabalho.

RESUMO

A busca pela aventura, ainda que possa ser considerada uma condição social inerente às civilizações, tem crescido substancialmente nas últimas décadas enquanto possibilidade de vivência lúdica, tornando-se uma manifestação cultural de lazer de grande interesse nas sociedades modernas. Nesse contexto, dados divulgados por diversos meios de comunicação indicam o caráter promissor do mercado responsável por ofertar esse serviço, visto que o mesmo tem atraído muitos praticantes e movimentado bilhões em todo mundo. Uma vez que o estado de Minas Gerais é uma referência e a sua capital se apresenta como Polo Nacional do Esporte Radical e da Aventura, buscou-se traçar um panorama do mercado de aventura em Belo Horizonte segundo a percepção de gestores responsáveis por empresas consolidadas na área, nos últimos 20 anos, e identificar se há relação do mesmo com a formação em Educação Física. Para isso, o estudo foi realizado em três etapas: 1) busca por gestores inseridos no mercado que apresentem um histórico relevante de tempo e atuação; 2) condução de entrevistas e 3) análise dos dados e discussão a partir do referencial teórico. A análise de conteúdo deu origem a quatro categorias de análise, nas quais observou-se que: 1) Trajetória dos gestores: ambos os gestores possuem um histórico de experiências no campo da administração e desenvolveram o gosto pela aventura enquanto praticantes; 2) Percepções acerca do perfil profissional: os entrevistados não identificam uma área de formação específica entre os profissionais da área e indicam que os mesmos tem uma formação pautada na prática e são apaixonados pela aventura; 3) Habilidades e competências consideradas relevantes: os gestores valorizam o conhecimento técnico, a capacidade para prever e lidar com situações de risco e a proatividade, além disso, a formação em educação física é citada como desejável, e 4) Visão sobre o mercado de aventura em Belo Horizonte: os entrevistados indicam que esse mercado ainda está em formação e acreditam na capacidade de desenvolvimento do mesmo, no entanto, estabelecem prazos diferentes para isso. Esta se trata de uma pesquisa exploratória, que demanda aprofundamento, mas que já é capaz de provocar diferentes reflexões teóricas acerca da temática e contribuir para o debate.

Palavras-Chave: *lazer. educação física. gestão. natureza. esporte. radical.*

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AA	Atividades de Aventura
ABEE	Associação Brasileira de Escalada Esportiva
ABETA	Associação Brasileira de Esportes e Turismo de Aventura
AFAN	Atividades Físicas de Aventura na Natureza
ATTA	Adventure Travel Trade Association
BH	Belo Horizonte
CNE	Conselho Nacional de Esporte
COB	Comitê Olímpico Brasileiro
COMBRAP	Confederação Brasileira de Rally a Pé
DOM	Diário Oficial do Município
INMETRO	Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
LINEP	Liga Nacional de Enduro a pé
PAS	Programa Aventura Segura
PCA	Práticas Corporais de Aventura
PET-EFL	Programa de Educação Tutorial de Educação Física e Lazer
PIB	Produto interno Bruto
PPGIEL	Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer
SGS	Sistema de Gestão da Segurança
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 Localização de Belo Horizonte

Figura 2 Elaboração das categorias de análise

Quadro 1 Análise de conteúdo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO	5
1.1 Construção da temática.....	5
1.2 Processos metodológicos.....	13
1.2.1 Definindo os gestores.....	15
1.2.2 Condução de entrevistas.....	16
1.2.3 Análise de conteúdo.....	17
CAPÍTULO 2 – AS ATIVIDADES DE AVENTURA ENQUANTO POSSIBILIDADE DE LAZER	19
1.1 Entendendo os conceitos relacionados às AA.....	19
1.2 Mercado de aventura e formação profissional.....	22
1.3 Lazer, Educação Física e Atividades de Aventura	24
CAPÍTULO 3 – O MERCADO DE AVENTURA NA CAPITAL MINEIRA, FORMAÇÃO PROFISSIONAL E EXPECTATIVAS	28
3.1 Trajetória dos gestores.....	31
3.2 Percepções acerca do perfil profissional	34
3.3 Habilidades e competências consideradas relevantes	39
3.4 Visão sobre o mercado de aventura em Belo Horizonte	44
CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	54
ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	60
ANEXO B - TCLE	61
ANEXO C - QUADRO 1	63

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

1.1 Construção da temática

A construção de um trabalho de conclusão de curso é, majoritariamente, fruto de experiências vivenciadas pelo sujeito durante sua trajetória acadêmica. De modo equivalente, neste trabalho, que tem como foco central as Atividades de Aventura (AA), essa perspectiva se confirma. No decorrer da graduação, a disposição para atuar profissionalmente com essas práticas estiveram presentes e determinaram a construção de um currículo voltado às experiências em que a aventura se apresentava enquanto protagonista.

No ano de 2015, tendo sido aprovada na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), ingressei no curso de Educação Física na modalidade bacharelado. A escolha foi motivada pela larga empolgação com as práticas esportivas desenvolvida durante a infância e adolescência. Nesse período, participei como atleta de várias modalidades nos jogos escolares do estado e integrei uma equipe de futsal em Ouro Preto, local em que cresci.

Subdividida em 13 distritos, a cidade de Ouro Preto, para além de seu aspecto histórico, é conhecida também por compor um espaço geográfico rico em trilhas e cachoeiras, com paisagens naturais diversas. Dessa forma, transitando por esses locais na infância, a busca pelo desconhecido, o desejo de vivenciar o risco e o prazer em contemplar e estar em contato com a natureza também se constituíram nessa fase da vida.

Os fatores supracitados fizeram parte da minha construção identitária e, ao cursar a disciplina de Formação e Atuação em Educação Física no primeiro período da faculdade, compreendi que era possível uni-los e desenvolvê-los enquanto prática profissional. No entanto, no momento de ingresso na Universidade, não sabia da existência de grupos de pesquisa, professores ou disciplinas na grade curricular que tratassem das AA na instituição.

Contudo, no segundo período, tive a oportunidade de conhecer e participar como bolsista do Programa de Educação Tutorial de Educação Física e Lazer (PET-EFL)¹, no qual permaneci por mais de 3 anos. Instituído na UFMG no ano de 2013, o PET-EFL se dedica a desenvolver projetos de pesquisa, ensino e extensão no campo do Lazer, além de promover a educação tutorial. Dessa forma, os Estudos do Lazer, até então desconhecidos, se abriram como uma nova possibilidade de formação, a qual dediquei grande parte da minha graduação.

Ainda, no ano de 2017, o professor Ms. Luiz Gustavo Nicácio, ex-aluno do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da UFMG, retornou à instituição ofertando a disciplina Atividades Físicas de Aventura, Educação e Lazer. Ao cursar a disciplina, percebi que alguns apontamentos eram feitos com frequência, sendo estes referentes às amplas possibilidades de atuação profissional no mercado de aventura, a característica promissora do mesmo e, por outro lado, a falta da apropriação, conhecimento e atuação dos profissionais de Educação Física na área.

Esse fato representou uma mudança importante no meu processo de formação, pois, devido ao contato que tive com profissionais inseridos no mercado de aventura e estudiosos da área, despontaram-se novos ensejos. Desde então, atuei como estagiária em um projeto de skate financiado pela Lei de Incentivo ao Esporte e em uma academia de escalada, participei do Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura e organizei projetos em parceria com outras instituições.

Desta forma, o conjunto de experiências exposto permitiu a construção do presente trabalho, tal qual perpassa pelo processo de compreender as AA como práticas associadas às vivências de lazer e, aliado a isso, de admiti-las enquanto campo legítimo de atuação dos profissionais da Educação Física.

A começar pelo Lazer, muitos pesquisadores desenvolveram concepções distintas sobre o fenômeno, seja relacionando-o com a segregação dos tempos

¹ O PET é desenvolvido por grupos de estudantes, com tutoria de um docente, organizados a partir de formações em nível de graduação nas Instituições de Ensino Superior do País orientados pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e da educação tutorial. (MEC, 2020)

sociais nas sociedades modernas ou considerando-o uma necessidade inerente ao ser humano desde os primórdios da civilização (MARINHO & PIMENTEL, 2010).

Muitas dessas teorias se complementam e contribuem para um melhor entendimento do objeto, no entanto, neste estudo, optou-se por adotar o conceito elaborado por Gomes (2014, p. 15), que compreende “o lazer como necessidade humana e dimensão da cultura que se constitui na articulação de três elementos fundamentais: a ludicidade, as manifestações culturais e o tempo/espço social”. Para mais, a autora ainda evidencia que

“Tal necessidade pode ser satisfeita de múltiplas formas, segundo os valores e interesses dos sujeitos, grupos e instituições em cada contexto histórico, social e cultural. Nessa linha de interpretação o lazer é uma prática social complexa que abarca uma multiplicidade de vivências culturais lúdicas contextualizadas e historicamente situadas. (GOMES, 2014, p.12)”

Logo, presente no cotidiano das civilizações antigas e contemporâneas, as formas de vivência lúdica são amplas e podem variar em função do tempo/espço, gênero, idade, condição social, entre outros. E, ainda que muitos teóricos apresentem discordâncias em relação às teorias do lazer, há pontos de convergência frente a alguns aspectos, entre eles a possibilidade de classificar essas manifestações de acordo com o seu interesse. Dumazedier (1980) denominou-as conteúdos culturais do lazer e propôs a distribuição dessas atividades em manuais, artísticas, físico-esportivas, intelectuais e sociais. Além disso, outros autores sugeriram a existência de mais dois interesses, os turísticos (CAMARGOS, 1986) e os virtuais (SCHWARTZ, 2003).

Uma vez que a ação humana é complexa demais para caber em limites rígidos de categorias, essa classificação apresenta algumas limitações. Mas isso não significa que ela seja ineficaz, a mesma é feita de maneira didática para que sejam compreendidas as diferentes experiências abarcadas pelos sujeitos (MELO & ALVES JÚNIOR, 2011).

Frente a esse cenário, Taschner (2000) afirma que grande parte dessas vivências são hoje mediadas pelo mercado e indica a existência de uma dimensão de consumo no lazer. E, embora Werneck & Isayama (2001) discutam a problemática da

constante interpretação do lazer somente como um produto da indústria cultural, os autores admitem a inter-relação entre os campos e acreditam na indústria do lazer e em seus componentes básicos (turismo, hotelaria, transporte, alimentação e ecologia) como sendo um dos segmentos mais dinâmicos da economia mundial que marcariam o século XXI.

Diante disso, uma reportagem publicada em 2017 na Revista Época, por exemplo, atesta que o mercado global de mídia e entretenimento deve gerar US\$ 2,23 trilhões em 2021, sendo que, no Brasil, o faturamento do setor pode chegar a US\$ 43,7 bilhões². Ainda, em 2018, o setor de Viagens e Turismo no mundo cresceu 3,9%, segundo a *World Travel & Tourism Council*, contribuindo com um recorde de US \$ 8,8 bilhões e gerando 319 milhões de empregos para a economia de todo o planeta. No mesmo ano, o Ministério do Turismo do Brasil apresentou, um estudo realizado pelo mesmo conselho, em parceria com a Universidade de Oxford, indicando que o setor representa 7,9% do PIB nacional e é responsável por 6,59 milhões de empregos³.

Evidentemente, a característica promissora do mercado de lazer tem atraído a atenção de empresários, investidores e profissionais interessados em prestar serviços dessa natureza. Quanto aos últimos citados, é importante ressaltar a multidisciplinaridade do campo, apesar da existência de cursos específicos, há uma pluralidade de áreas do conhecimento que se dedicam ou contribuem de alguma forma com os estudos do Lazer.

Pormenorizando, a busca pela aventura, enquanto exploração do desconhecido, ainda que possa ser considerada uma condição social inerente às civilizações, tem crescido substancialmente nas últimas décadas enquanto possibilidade de vivência lúdica, tornando-se uma manifestação cultural de grande interesse nas sociedades modernas (PIMENTEL, 2013).

² MÍDIA E ENTRETENIMENTO VÃO MOVIMENTAR US\$ 2,23 TRILHÕES EM 2021. **Revista Época**. 2017. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Mercado/noticia/2017/06/midia-e-entretenimento-vao-movimentar-us-223-trilhoes-em-2021.html>>. Acesso em: 22 mai. 2019.

³ INDÚSTRIA DE VIAGENS E TURISMO CONTINUA COM CRESCIMENTO ACIMA DO PIB GLOBAL, SEGUNDO WTTC. **Diário Do Turismo**. 2019. Disponível em: <<https://diariodoturismo.com.br/industria-de-viagens-e-turismo-acima-do-pib-global/>>. Acesso em: 20 mai. 2019.

Logo, nesse contexto, não existe um consenso na literatura quanto a terminologia adequada para tratar a categoria de atividades em que estão inseridos o arvorismo, o skate, a escalada, os acampamentos, o trekking e outras modalidades semelhantes. Algumas nomenclaturas encontradas nos artigos que serviram como referência para este trabalho são *esportes de aventura*, *esportes radicais*, *práticas corporais de aventura* e *atividades de aventura*. Todavia, há características comuns associadas a essas práticas, que envolvem a aventura e o risco em ambientes diversos, sendo assim, optamos por utilizar o termo Atividades de Aventura (AA).

Inicialmente, pode-se afirmar que essas práticas envolvem uma complexidade que vai além dos pontos tradicionais, como regras, níveis e competições. Nelas, o sujeito se expõe voluntariamente ao risco, criando a possibilidade de experienciar situações limites nas quais tem acesso a aspectos de sua personalidade que dificilmente teria em outros momentos (LE BRETON, 2006 *apud* MARINHO, 2008). Além disso, frequentemente as AA representam a tentativa de compensação de um sistema de vida sedentário e centrado na vida urbana, principalmente aquelas que ocorrem na natureza (CARVALHINHO, 2006).

Se tratando das AA, componentes como altura, profundidade, velocidade, vertigem, contemplação e outros podem fazer parte da experiência. Ademais, outras características comuns a essas práticas são a presença do risco, da *ad venture*⁴ e o uso de equipamentos e técnicas específicas.

No ano de 2016, o surfe, a escalada e o skate foram inseridos nos jogos olímpicos⁵, possibilitando, talvez, uma ampliação do campo de atuação profissional associada ao treinamento esportivo para essas modalidades. Todavia, quando pensamos nas oportunidades de mercado, o alto rendimento é um campo restrito a uma parcela pequena dos profissionais.

⁴ A palavra aventura tem sua origem do latim *ad venture*, e seu significado está relacionado a uma prática que rompe com a rotina, provocando surpresa e espanto. (PEREIRA, AMBRUST & RICARDO, 2008)

⁵ Em 2016, Comitê Olímpico Internacional - COI aprovou, por unanimidade, em sessão de seu congresso a inclusão do Surfe, do Skate, da Escalada Esportiva, do Beisebol e do Karate no programa dos Jogos Olímpicos de Verão, que passará a ter 33 modalidades em Tóquio-2020.

Por outro lado, dados divulgados pela *Travel Leaders Group* da *Adventure Travel Trade Association* (ATTA), apontam que o mercado global de turismo de aventura, que em 2013 tinha um valor estimado de US\$ 375 bilhões, representa atualmente US\$ 683 bilhões em negócios. Ademais, no ano de 2016, o governo brasileiro divulgou uma pesquisa, elaborada pelo portal americano *US News & World Report*, a consultoria BAV e a escola de negócios *Wharton*, da Universidade da Pensilvânia, que indicava o Brasil como o país ideal para prática de aventura e um dos melhores destinos turísticos do mundo⁶.

Os dados declarados ratificam a crescente procura pelas AA e a potencialidade do mercado de aventura no âmbito do lazer, visto que o mesmo movimentou bilhões em todo mundo. No Brasil, especificamente, há um ambiente geográfico muito propício para a prática dessas atividades, em 2017 o país foi avaliado como o melhor destino do mundo para turismo e aventura pelo *ranking* internacional *Best Countries*⁷.

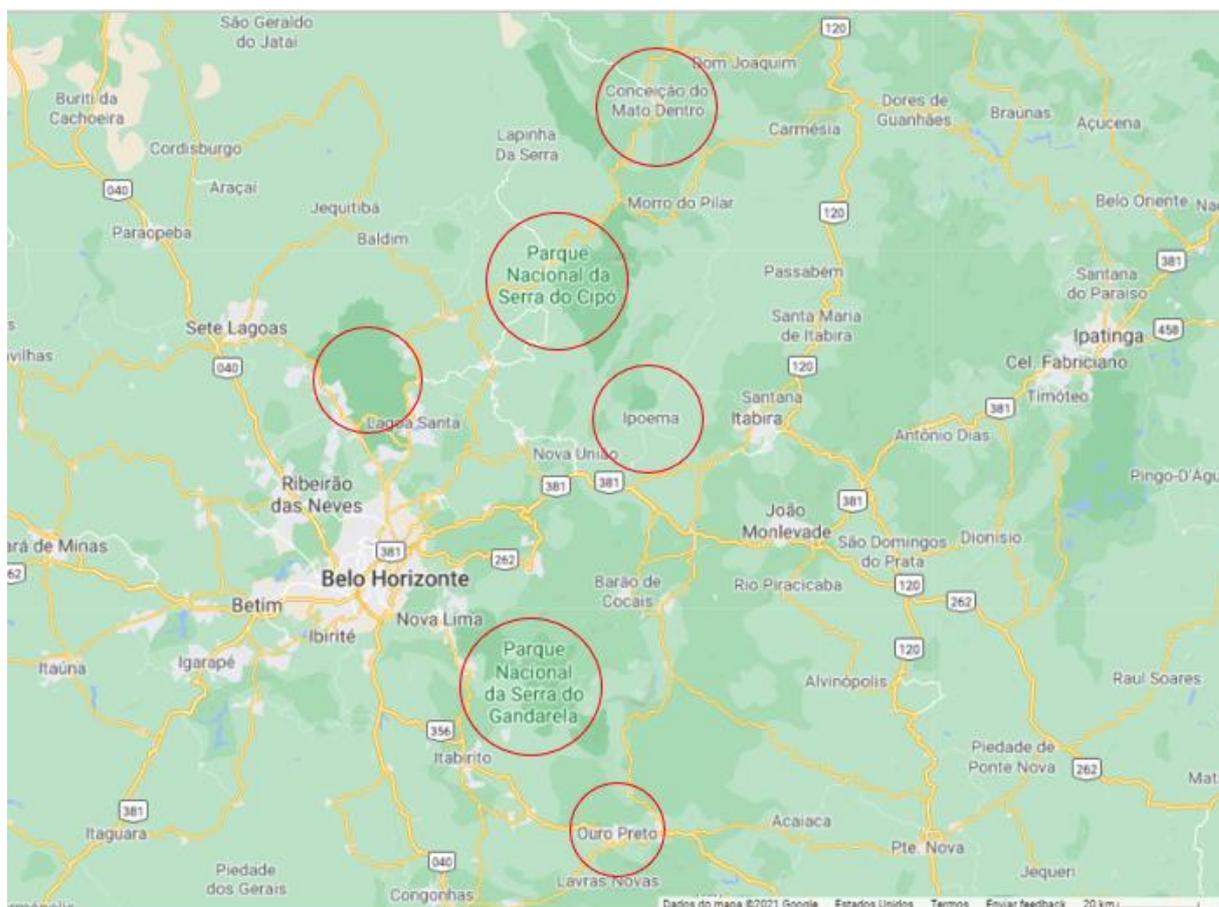
Quando se trata de Aventura, Minas Gerais é tido como uma das referências nacionais, principalmente para aquelas atividades realizadas na natureza. Isso porque, o estado conta com belas paisagens e um número elevado de trilhas, serras e cachoeiras.

Nesse contexto, Belo Horizonte parece executar um papel relevante no cenário da Aventura em Minas Gerais. Inicialmente, porque a capital está localizada próximo a vários municípios e parques famosos por suas cachoeiras e trilhas, como mostra a **Figura 2**. Além disso, é possível identificar a existência de empresas e projetos envolvidos com diferentes modalidades prestando serviços na cidade, como escalada, voo livre, skate, atividades náuticas, entre outros.

⁶ MERCADO DO TURISMO DE AVENTURA MOVIMENTA US\$ 683 BILHÕES NO MUNDO. 2018. **Qual Viagem**. 12 de setembro, de 2018. Disponível em <<http://www.qualviagem.com.br/mercado-do-turismo-de-aventura-movimenta-us-683-bilhoes-no-mundo/>> Acesso em: 10 de agosto de 2020.

⁷ A classificação geral dos Melhores países mede o desempenho global em uma variedade de métricas.

Figura 1 – Localização de Belo Horizonte



Fonte: captura de tela do Google Maps adaptada pela autora.

Em 2006, foi criado o projeto EU AMO BH RADICALMENTE, pelo Belo Horizonte *Convention & Visitors Bureau*, entidade de fomento ao turismo e valorização da imagem da cidade. E, apesar de sua extinção, o movimento contou com um grande empenho de divulgação e foi expressivo na época. Para além, também em 2016, o prefeito Marcio Lacerda (PSB) sancionou a lei 10.966/2016, publicada no Diário Oficial do Município (DOM), que declarava Belo Horizonte (BH) como Polo Nacional do Esporte Radical e de Aventura e instituiu o evento “BH 360° Polo Nacional do Esporte Radical e de Aventura”⁸.

⁸ BELO HORIZONTE. Lei nº 10.966, de 12 de julho de 2016. 5129 ed. Declara o Município de Belo Horizonte como Polo Nacional do Esporte Radical e de Aventura.

É importante ressaltar que, no campo econômico, Belo Horizonte constitui-se enquanto a principal metrópole do Estado, sendo o município mais populoso e com maior Produto Interno Bruto (PIB) declarado⁹.

Em função do potencial apresentado pela região, verifica-se um número alto de entidades que prestam serviços de AA em BH e em seu entorno. No entanto, esses dados são incipientes, não foi identificado um mapeamento acerca de quais são essas empresas e associações, que modalidades elas desenvolvem, qual o perfil dos profissionais inseridos nesse mercado ou a visão de gestores e empresários da área.

Essas são informações importantes para o esforço de compreender as possibilidades e as limitações de inserção no mercado de aventura, principalmente para a Educação Física, uma vez que essas atividades estão relacionadas ao movimento humano e a cultura corporal de movimento, principais objetos de estudo do campo. Percebendo essa estreita relação, nos inquieta compreender o perfil dos profissionais que atuam neste mercado e suas relações com a Educação Física enquanto campo de formação.

O presente trabalho tem como objetivo geral traçar um panorama do mercado de aventura na cidade de Belo Horizonte – Minas Gerais a partir da percepção de gestores já estabelecidos na área. Dessa forma, estipularam-se como objetivos específicos: a) apresentar um breve panorama do mercado de aventura em Belo Horizonte; b) identificar a trajetórias de formação e conhecimento dos gestores entrevistados; c) a percepção dos mesmos acerca das funções, habilidades e competências profissionais valorizadas no mercado e d) a expectativa dos gestores em relação ao mercado de aventura na cidade.

Devido às extensas alternativas de atuação no mercado, os currículos formais propostos em cursos de graduação não são, na maioria das vezes, capazes de garantir o contato com determinadas práticas referentes aos seus objetos de estudo. Além disso, as inovações são constantes, seja em relação aos conteúdos, conhecimentos, técnicas ou tecnologias. Esse ponto implica a necessidade de

⁹ Belo Horizonte - PIB (R\$ 1000): 91.957.092 e PIB per capita: R\$ 36.759,66 (IBGE, 2018) Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/belo-horizonte/panorama>, acesso em 20 de março, de 2020.

estudos que possam orientar profissionais a direcionarem sua formação para atuar em diferentes nichos mercadológicos, preenchendo as lacunas existentes.

O mercado de aventura se apresenta como um “campo de intervenção profissional inovador, instigante e repleto de possibilidades, mas ainda desprovido de um perfil do profissional que se encontra à frente na condução dessas atividades” (PAIXÃO, 2015, p. 259). O que se pode observar em alguns estudos, é a atuação de instrutores que detém um conhecimento empírico, pautado em experiências práticas anteriores com as AA. Dessa forma, a contribuição deste estudo perpassa pela tentativa de indicar as possibilidades de inserção e formação, as limitações, o perfil dos profissionais e as demandas do mercado, a fim de que sejam feitas reflexões acerca da identidade desses profissionais.

As AA têm uma estreita aproximação com a Educação Física, visto que apresentam relações tanto com o movimento humano, quanto com as manifestações culturais de lazer. Ainda que o último não pertença exclusivamente à área, os estudos do Lazer recebem grande atenção desses profissionais. Efetivamente, há uma dimensão do treinamento nas AA, no entanto, esse é um campo muito restrito quando comparado à procura dessas práticas enquanto manifestações culturais de lazer.

Este estudo, apesar de limitado geograficamente, contribui para o surgimento de novas discussões dentro desta perspectiva e promove reflexões acerca da formação e atuação do profissional em Educação Física.

1.2 Processos metodológicos

Segundo Laville & Dionne (1999), para que se assegure a obtenção de dados confiáveis, é necessário estabelecer de maneira sistematizada os procedimentos recorridos em uma pesquisa. Nesse sentido, o tópico Processos Metodológicos visa apresentar o processo de coleta de informações e tratamento dos dados adotados no estudo.

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de campo, exploratória e descritiva (PRODANOV & FREITAS, 2013), preocupa-se não somente em descrever

os achados reduzindo-os a um único fenômeno, mas compreender os significados atribuídos à realidade observada de maneira não subjetiva (LAVILLE E DIONNE, 1999). Ou seja, é um estudo de caráter qualitativo.

Sendo amplamente utilizada nas ciências humanas, as pesquisas qualitativas

(...) embora não possam permitir generalizações estatísticas de seus resultados, podem, no entanto, oferecer um quadro descritivo e aprofundado dos significados e das percepções que movem os sujeitos da pesquisa, permitindo o que se denomina de “generalizações naturalísticas” (GOMES e AMARAL, 2005, p. 47).

Desse modo, a escolha por uma investigação de caráter qualitativo se dá pela possibilidade de:

(...) investigar um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2002, p. 22).

Nesse sentido, propôs-se elaborar uma análise do mercado de aventura em Belo Horizonte, a fim de tentar compreender a formação profissional no campo e suas possíveis relações com a Educação Física, a partir da percepção de gestores da área. Em virtude dos objetivos propostos, foi necessário fragmentar esse estudo em três etapas:

- 1) Busca por gestores inseridos no mercado que apresentem um histórico relevante de tempo e atuação (nos últimos 20 anos).
- 2) Condução e transcrição das entrevistas com esses gestores.
- 3) Análise de conteúdo das entrevistas e discussão a partir do referencial teórico.

Nos tópicos a seguir o passo a passo para realização de cada uma dessas etapas é apresentado.

1.2.1 Definindo os gestores

Além do potencial mercado de aventura, a escolha da capital mineira como foco de investigação ocorreu em função de sua viabilidade para pesquisa. A pesquisadora responsável pela coleta de dados reside em Belo Horizonte e não dispõe de financiamento ou tempo disponível para ampliar esse universo amostral, posto que o presente estudo se trata de um trabalho de conclusão de curso.

Em um primeiro momento, a inclinação por entrevistar essa categoria profissional transcorre ao fato de que gestores apresentam uma visão ampla do mercado, visto que, seu papel consiste na execução de funções administrativas que envolvem o planejamento, controle e organização (JUNQUILHO, 2001, p. 304). Dessa forma, espera-se que os mesmos estejam atentos à viabilidade de empreendimentos, novas tecnologias, perfil profissional, regulamentação e situação do mercado para garantir o bom funcionamento das empresas.

Além disso, é importante ressaltar que, para além das competências organizacionais financeiras objetivas atribuídas ao papel do gestor, Junquillo (2011) ao discutir a gestão e a ação gerencial nas organizações contemporâneas, aponta que essa função é afetada pelas práticas sociais. Esse entendimento nos permite

(...) desmistificar o folclore dos “super heróis” organizacionais, à medida em que possibilita pensar-se os cenários organizacionais como dotados de significados diversos, produtos da ação dos seus atores, ação aquela que, por outro lado, é reflexo de regras e convenções sociais de uma dada sociedade. (JUNQUILHO, 2011)

Sendo assim, em teoria, a atuação do gestor, no campo do lazer, deveria ser pautada em uma relação dialética com os diferentes contextos sociais, políticos, geográficos e temporais nos quais suas empresas estão inseridas. Isso porque esses fatores irão determinar o interesse e o acesso da população às diferentes manifestações culturais do lazer (GOMES, 2004), ou seja, irão estabelecer a relação do público com o serviço ofertado.

Para definir os gestores entrevistados, foi feito um levantamento das empresas localizadas na cidade de Belo Horizonte que possuíssem tempo de permanência

expressivo no mercado, abrangência geográfica e relevância no cenário belo-horizontino nos últimos 20 anos. Além disso, os serviços prestados deveriam ser de natureza não competitiva profissional, devido à relação dessas atividades com a dimensão do Lazer. Para isso, foi realizada uma pesquisa no site de buscas “Google”, além de serem consultados profissionais com larga experiência nesse mercado.

Após o levantamento, duas empresas apareceram com destaque nas buscas realizadas, os gestores foram identificados e a pesquisadora entrou em contato com os mesmos através do aplicativo de mensagens WhatsApp, no qual foi enviado um texto explicativo sobre os objetivos do estudo e feito o convite de participação na pesquisa, por meio de uma entrevista.

Quando ambos os gestores se mostraram disponíveis, foram marcados dois encontros para que as entrevistas fossem conduzidas pessoalmente, essas duraram cerca de 30 minutos e foram gravadas para posterior transcrição.

1.2.2 Condução de entrevistas

O uso entrevistas para coleta de dados em pesquisas científicas é recorrente, uma vez que nem todos os dados permitem a consulta em fontes documentais, a mesma se constitui como uma técnica de levantamento de dados primários que dá grande importância à descrição verbal dos informantes (PRODANOV & FREITAS, 2013, p. 105).

No presente estudo, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com o objetivo de analisar a percepção de gestores do mercado de aventura em BH e seu entorno a respeito do campo de atuação, levando em consideração as exigências, potencialidades e limitações do mercado, bem como identificando a avaliação que estes expressam em relação aos profissionais que estão atuando com as AA. Para Ribeiro (2008) a entrevista se apresenta como:

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistados. (RIBEIRO, 2018, p. 141)

O modelo de entrevista semiestruturada tem como característica a presença de questões básicas baseadas em hipóteses de estudos, a partir das respostas dos informantes se criam novos questionamentos que reformulam as hipóteses anteriores (TRIVINÓS, 1987). Uma vez que esse tipo de entrevista permite flexibilidade ao roteiro inicial, a criação de novas questões pode facilitar a compreensão de dados não esclarecidos (THOMAS & NELSON, 2002).

O protocolo usado neste estudo consiste em uma entrevista segmentada em três conteúdos: 1) referente às informações pessoais e de formação profissional do o gestor e sua empresa; 2) acerca da visão do gestor em relação a outros profissionais inseridos no mercado e, por último, 3) diz respeito a visão do gestor em relação ao mercado de aventura. Dessa forma, o documento era composto por um cabeçalho e nove perguntas objetivas, o modelo encontra-se no anexo A.

Um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) (Anexo B) foi entregue aos voluntários para que ficassem a par do propósito desta intervenção, o mesmo foi assinado e entregue à pesquisadora, cada voluntário também recebeu uma cópia. Esse documento autoriza o uso e divulgação das respostas obtidas nas entrevistas, contém informações a respeito dos objetivos da pesquisa e garante o compromisso com o anonimato. Durante as entrevistas, as falas dos(as) entrevistados(as) foram gravadas por um aplicativo de *smartphone* e, posteriormente, transcritas manualmente.

1.2.3 Análise de conteúdo

Sendo recorrente nos estudos das ciências humanas, a análise de conteúdo foi o método escolhido para tratamento dos dados, a mesma consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações (BARDIN, 2011) que fornecem ferramentas para investigar os elementos desse conteúdo a fim de compreender os seus significados (LAVILLE E DIONNE, 1999, p. 214).

No presente estudo, a obra de Laurence Bardin foi adotada como referência para aplicação do método, o autor possui uma grande relevância na área e propõe um

processo de análise segmentado em três etapas 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação (BARDIN, 2011). Esse modelo foi adotado no presente estudo e a **Figura 1** ilustra o processo de categorização dos dados, que compõem a etapa 2, e no **ANEXO C** é possível realizar a leitura desses dados.

Após a transcrição das entrevistas, realizou-se uma leitura atenta das mesmas, na qual buscou-se identificar palavras, expressões ou frases que receberam ênfase no discurso de cada um dos entrevistados. Em seguida, as temáticas abordadas foram agrupadas em onze categorias secundárias que deram origem às categorias finais de análise.

Posterior à categorização, houve um esforço da autora em relacionar os dados obtidos às referências bibliográficas utilizadas para fundamentar este estudo e de leituras complementares demandadas ao decorrer da pesquisa, na tentativa de cumprimento dos objetivos propostos. O resultado desse processo é mostrado no Capítulo 3: O mercado de aventura na capital mineira, perfil profissional e perspectivas.

Figura 2 – Elaboração das categorias de análise

Trajetória dos gestores		Percepção acerca dos profissionais			Habilidades e conhecimentos considerados relevantes				Visão do mercado	
Atividades de aventura enquanto prática de lazer	Histórico de experiência em administração/empresariado	Pessoas que possuem o interesse pessoal e a paixão pelo AA	Área acadêmica de formação inespecífica	Formação profissional contida de experiências práticas na prática e em cursos diversos	Conhecimento técnico a respeito da atividade	Capacidade para prever e lidar com situações de risco	Proatividade	Formação em educação física	Mercado na atualidade	Expectativas
já praticou outros esportes	área de orçamento	a maioria de nós é apaixonado	não tem formação específica	não tem formação específica	técnica do esporte	curso de primeiros socorros	eu sei que esse menino aqui é bom no resgate quando ele tem interesse	estes cursos de educação física [...] era interessante, eu entender melhor a prática esportiva de uma forma geral	a gente meio teve que criar os fundamentos pra faz-lo ficar profissional,	eu acredito que com essa força que o mercado tá tomando [...] muita gente tá querendo fazer
escolheu	loja de equipamento de segurança	paixão, interesse e prazer	não existe uma formação acadêmica específica	a gente tem experiência	ter conhecimento na área do esporte	têm que prestar qualquer procedimento, se precisar tirar de lá o resgate, a gente tá resgate tem que ter essa preparação	a principal coisa que tem que ter é a proatividade	os profissionais de educação física, pra trabalhar, principalmente com a escolada, é uma coisa bem nova	a gente era os primeiros	tem mercado financeiro pra isso
paraglider	organização do evento de que propiciamos aventura	ele viu minha paixão	outros foram colocados pelas outras áreas, no caso, formação um curso superior	eu fiz resgate de trilha	formação muito boa na área de montanhismo	curso de bombeiro técnico de socorrista	interesse de se preparar pra esse mercado	naturalmente é desafiável que ele tenha uma formação na área de educação física	meu professor é da guarda que treina o trekking	espero que os órgãos públicos desenvolvam estudos
mergulho	administração	tem que gostar do esporte, não é só qual for	advogados	professores são praticantes	capacitação, no sentido técnico no tocante a escolada, rigidez, forte e consistente	técnicas de segurança	a pessoa tem que ter uma vontade de trabalhar muito grande	acredito que a gente vai ter um subsistema de profissionais com esse perfil (graduado em educação física) nos próximos anos	difícilidade nossa era todo primeiro	entamos no mercado esperando um pouquinho melhorar
experiências muito grande na área de escolada	aluguel de imóveis	interesse pessoal	estudante de medicina	experiência literalmente na prática	conhecimento técnico, você simplesmente não aprende de um dia para outro a circular	ter curso de primeiros socorros, aprofundar em outros cursos		desafiável a formação em educação física	os primeiros provas que aconteciam, não existia um equipamento	em anos atrás acreditava que em 5/10 anos a gente fosse vencer alguma coisa maior/mais forte

Fonte: Elaboração própria

CAPÍTULO 2 – AS ATIVIDADES DE AVENTURA ENQUANTO POSSIBILIDADE DE LAZER

Neste capítulo, pretende-se introduzir conceitos básicos relacionados às Atividades de aventura e ao Lazer, para facilitar o entendimento acerca das discussões produzidas.

1.1 Entendendo os conceitos relacionados às AA

Não há um consenso na literatura a respeito da terminologia adequada para determinar as práticas corporais que tem como característica comum a presença da aventura e do risco, como a escalada, o skate, o trekking, o paraquedismo, etc. A preocupação de alguns autores em definir um conceito para essas modalidades está relacionada, entre outras coisas, à tentativa de se identificar e delimitar o objeto de estudo no meio acadêmico. Desta forma, o desacordo conceitual existente contribuiu para que emergissem esforços em nomear essas atividades a partir do uso de conceitos comumente atribuídos a elas (PIMENTEL, 2013).

O primeiro deles é a aventura, do latim “ad venture” ou “o que vem pela frente”, esta pode ser definida como uma “sucessão de acontecimentos imprevisíveis, que dependem da sorte, do destino; acaso, sorte, peripécia” (AURÉLIO, 2010). Para Marinho (2008), a aventura apresenta

(...) uma estreita relação com obstáculos, não apenas físicos, mas também simbólicos e imaginários, a serem ultrapassados, que não necessariamente são os mais arriscados e difíceis, mas que, de alguma forma, agregam o novo, o desconhecido e o não-explorado (MARINHO, 2008, p. 200)

Nesse caso, percebe-se o imprevisível como elemento fundamental que integra a aventura. Logo, quando se trata das práticas corporais que objetivam esse fenômeno, a imprevisibilidade é intrínseca, não no sentido de que atividades como essas sejam isentas de planejamento, mas em função da impossibilidade de se prever todos os fatores envolvidos no ambiente. Conseqüentemente, a probabilidade de insucesso em função do acaso é recorrente, ou seja, o risco também se apresenta como característica inerente a essas práticas.

Paixão et al. (2011), ao realizarem uma análise das práticas discursivas sobre o risco, elaboraram um dicionário específico sobre o fenômeno, no qual são apresentados os termos risco-perigo, risco-probabilidade e risco-aventura. Os conceitos de aventura, adrenalina, emoção, radical, extremo, desafio e ousadia foram designações atribuídas ao último verbete citado. Nesse sentido, o risco é responsável por desafiar, provocar medo e, ao mesmo tempo, está associado ao prazer que é conferido às práticas de aventura (PAIXÃO, ET AL., 2011).

Por consequência, nessas práticas há uma tendência à valorização do risco calculado, a fim de que não se exponha perigosamente a vida do praticante. Isso porque observa-se uma relação estreita entre o elemento risco e os sujeitos envolvidos na prática, dado que o primeiro, se demasiado, pode causar a repulsa pela atividade e, por outro lado, se inexistente, é capaz de diminuir o engajamento e a satisfação dos sujeitos (MARINHO, 2008).

Além disso, consoante ao fato de que várias dessas modalidades ocorrem em unidades de conservação e outros ambientes naturais, as AA acabam por serem estipuladas enquanto ecologicamente sustentáveis e potenciais ferramentas de educação ambiental. Por esse motivo, o conceito de sustentabilidade é frequentemente associado a essas atividades, o termo

(...) expressa a preocupação com a qualidade de um sistema que diz respeito à integração indissociável (ambiental e humano), e avalia suas propriedades e características, abrangendo os aspectos ambientais, sociais e econômicos. (FEIL & SCHREIBER, 2017, p. 674)

Pode-se reconhecer o potencial dessas práticas enquanto capazes de aproximar sujeito e meio ambiente, conscientizando-o da importância de preservação desses locais e, até certo ponto, fortalecendo a noção de pertencimento e responsabilidade com os recursos naturais. No entanto, essa preocupação nem sempre é observada na prática, muita das vezes

(...) utiliza-se um discurso “ecológico”, para legitimar as ofertas de mercado, mesmo que nem todas estejam comprometidas com nenhum aspecto educativo de valorização e difusão da diversidade biológica, muito menos, de vivência de novas atitudes, em relação ao meio ambiente e em relação a seus pares (BAHIA, 2010, p.5)

Sendo assim, há uma série de contradições quanto ao potencial educativo dessas atividades que muitas vezes acabam por impactar negativamente o local de prática, visando somente atender às exigências do mercado.

Traçando um paralelo com o aspecto educativo relacionado à sustentabilidade, podemos vincular as práticas em meio urbano a outros ativismos sociais, como reivindicação do direito à cidade e mobilidade urbana, além da ressignificação dos espaços e promoção da diversidade de expressões culturais, por exemplo.

Os conceitos abordados nos parágrafos anteriores visam contribuir com a caracterização do objeto de estudo deste trabalho. Ao tentar nomear essas atividades, podemos encontrar na literatura termos como Esportes de Aventura, Esportes Radicais, Atividades Físicas de Aventura na Natureza, Esportes Californianos, Atividades de Aventura, dentre outros.

Verifica-se que o uso da palavra “esporte” para definir esse objeto é trivial, mas, se levada em conta a definição atribuída por alguns autores ao termo, seu uso pode ser considerado inadequado. Por exemplo, para Barbanti (2006, p.57):

Esporte é uma atividade competitiva institucionalizada que envolve esforço físico vigoroso ou o uso de habilidades motoras relativamente complexas, por indivíduos, cuja participação é motivada por uma combinação de fatores intrínsecos e extrínsecos.

Visto que nem todas as práticas são institucionalizadas ou envolvem o uso de habilidades motoras complexas, grande parte delas seriam excluídas desta categoria. O mesmo problema pode ser atribuído ao uso do termo Natureza, posto que várias dessas modalidades têm como cenário o meio urbano e o termo é usualmente utilizado para se referir a ambientes naturais que sofreram pouca ou nenhuma intervenção humana.

Outra expressão utilizada para se referenciar ao objeto é *práticas corporais*, está pode ser entendida enquanto “forma de levar a efeito/expressar dada intenção/sentido e fazê-lo, neste caso, por meio do corpo” (SILVA & DAMIANI, 2005,

p. 23/24). A partir dessa classificação, o esporte em todas as suas dimensões e outras manifestações culturais lúdicas estariam inclusos na mesma categoria, o termo “Práticas Corporais de Aventura (PCA)” foi proposto por Inácio et al. (2005) e tem sido utilizado para se referir a essas atividades no ambiente escolar.

Dessa forma, no presente trabalho, optou-se por utilizar o termo Atividades de Aventura, proposto por Pimentel (2013), por considerá-lo o mais abrangente e adequado conceitualmente em função das questões levantadas nos parágrafos anteriores. No entanto, o uso de outros termos não foi um critério de exclusão para determinar o referencial teórico, por isso ao longo do texto irão aparecer diferentes nomenclaturas que se referem ao objeto comum.

1.2 Mercado de aventura e formação profissional

O Mercado de Aventura constitui-se como um conjunto de empresas e/ou profissionais autônomos que prestam serviços na área da Aventura, seja na venda de equipamentos, proporcionando experiências, treinamento e/ou fornecendo consultorias para a realização dessas atividades. Esse ramo inclui modalidades diversas e abrange práticas corporais realizadas em ambientes artificiais e/ou naturais.

Muitas empresas de aventura, interessadas em aproveitar o potencial geográfico de alguns locais, se instalam em ambientes propícios para as AA, ricos em belas paisagens geográficas e específicos para algumas modalidades (SCHWARTZ & CARNICELLI FILHO, 2006). Essa dinâmica de apropriação dos espaços resulta em influências no âmbito social, econômico e ambiental, impactando de maneira positiva ou negativamente. Dentro dessa perspectiva, a atuação dos profissionais envolvidos com essas práticas será um fator determinante para definir os processos de intervenção.

Como já citado na introdução, o Brasil detém um ambiente muito propício para as AA, em 2017 o país foi avaliado como o melhor destino do mundo para turismo e aventura pelo *ranking internacional Best Countries*. Entre os locais geograficamente ricos nesse aspecto, está o estado de Minas Gerais, e mais especificamente, Belo

Horizonte e seu entorno. Em 2016, a cidade foi declarada como polo nacional do esporte radical e de aventura mediante a lei municipal N°10.966 (BELO HORIZONTE, 2016), além de também ser um dos polos econômicos nacionais.

Os dados citados anteriormente contribuíram para que diversas empresas, entidades e associações que prestam serviços no mercado de aventura se interessassem pela capital mineira, basta uma pesquisa de busca virtual para encontrar uma variedade de práticas oferecidas na região.

Sendo assim, há uma expectativa de que as AA dimensionadas no âmbito do lazer apresentem um caráter promissor e tal fato contribui para que discussões acerca dessa área de atuação tornem-se emergentes. Isto porque, os profissionais envolvidos com as AA são responsáveis por conduzir atividades associadas ao risco que requerem conhecimentos, habilidades e competências específicas.

Compreende-se aqui que, para definir e projetar a atuação em determinado campo profissional, é necessário identificar e caracterizar as funções e o perfil de competência dos sujeitos inseridos nesse contexto (ROSADO, 2000 *apud* CARVALHINHO, 2006).

No caso dos profissionais da aventura se no enfoque de suas ações for adotada a postura de mera reprodução das atividades, a vivência proporcionada por meio das AA será descontextualizada e destituída de possibilidades de construção coletiva (STOPPA & ISAYAMA, 2001). Sendo assim, conceitos referentes à cultura local, direito à cidade, ecologia e sustentabilidade podem não ser abordados, por exemplo.

Na literatura, observam-se estudos que buscaram descrever o processo formação desses profissionais, além do perfil e percepção dos mesmos em relação às habilidades e competências exigidas por esse mercado (AURICCHIO, 2013; SCHWARTZ & CARNICELLI FILHO, 2006; PAIXÃO, 2015; PAIXÃO et al, 2011; PAIXÃO & TUCHER, 2010; CARVALHINHO, 2006;). Muitos deles constataram que o processo de formação nesse campo profissional acontece, predominantemente, de maneira empírica, ou seja, a partir das experiências vivenciadas pelo sujeito enquanto praticante.

Schwartz e Carnicelli Filho (2006), por exemplo, investigaram a formação de guias de *Rafting*, na cidade de Brotas, em São Paulo. Os autores identificaram um alto nível de competência desses profissionais em relação às técnicas para execução da atividade, bem como conhecimentos acerca do ambiente, volume da água, direção do vento, atendimento de primeiros socorros e outros. No entanto, o mesmo nível não foi observado em relação ao domínio de conhecimentos pedagógicos para lidar com sujeitos que apresentam diferentes demandas, como insegurança, pouca habilidade ou aspectos físicos limitados.

Carvalhinho (2006), responsável por realizar um estudo com os profissionais das AA em Portugal, ao discutir sobre a formação de técnicos esportivos, afirma que “a formação deverá articular níveis de formação inicial e contínua na salvaguarda da competência técnica, pedagógica e científica.”

Outro aspecto relevante nessa discussão é levar em conta as barreiras sociais e econômicas existentes, uma vez que nem toda população tem acesso às AA. Quando se pensa em um contexto de formação profissional pautada na prática, assume-se que os profissionais do mercado também são sujeitos inseridos na estrutura social e podem ou não apresentar condições de vivenciar essas atividades (WERNECK & ISAYAMA, 2001), esse fator pode ser uma determinante a definir o perfil desses profissionais.

1.3 Lazer, Educação Física e Atividades de Aventura

No campo teórico, o conceito de Lazer nasceu atrelado ao de trabalho, no entanto, por proporcionar uma visão reducionista do fenômeno, foram necessárias novas reflexões a respeito do tema. Por consequência, as concepções ligadas à área ampliaram-se à medida em que as(os) estudiosas(os) passaram a considerar os diferentes contextos históricos e socioculturais.

Nesse sentido, o presente estudo se apoia no conceito proposto por Gomes (2014, p.15), que define o lazer como uma “necessidade humana e dimensão da

cultura que se constitui na articulação de três elementos fundamentais: a ludicidade, as manifestações culturais e o tempo/espaço social”.

Notoriamente, o lazer não pode ser restrito a simplesmente um produto da indústria cultural, visto que se apresenta como um direito social garantido¹⁰, que contribui para a formação, divertimento, descanso e desenvolvimento dos sujeitos (MARCELLINO, 2010). No entanto, a relação entre o mercado e as práticas culturais de lazer é evidente, uma série de serviços são prestados por empresas dos mais variados setores: hotéis, clubes, agências de turismo, shoppings, restaurantes, parques, *buffets*, empresas de eventos e recreação, mídias de entretenimento, entre outras.

Dentre essas possibilidades, o nicho mercadológico da aventura se apresenta enquanto um campo de atuação. Entende-se que as AA podem ser organizadas e implementadas enquanto propostas de lazer, posto que, para muitas pessoas, enquadram-se na categoria de manifestações culturais vivenciadas pelo seu viés não competitivo e/ou lúdico.

Naturalmente, não é possível compreender de forma integral as motivações que levam pessoas a se envolverem com esse tipo de atividade. No entanto, um estudo realizado por Tahara e Carnicelli Filho (2009) mostrou que os principais fatores de aderência às atividades físicas de aventura na natureza (AFAN) são o desejo de fuga momentânea do cotidiano urbano, o gosto por sensações de risco e perigo e a possibilidade de experimentar novos desejos e emoções.

No campo científico, uma revisão de estado da arte, desenvolvida por Sánchez, García e Rama (2019) investigou a produção acadêmica relacionada aos esportes na natureza no mundo. Os autores perceberam um crescente interesse da comunidade científica por esse assunto na última década, principalmente nos Estados Unidos, Reino Unido e França e nas áreas de ciências sociais, medicina e saúde, negócios, administração e contabilidade.

¹⁰ Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (BRASIL, 1988)

Ao todo foram selecionados 223 artigos, no topo do *ranking* das revistas mais produtivas estão a *Sport in Society and Leisure Studies*, ambas abordando a aventura pelo viés das ciências sociais e apenas a segunda no âmbito dos negócios, da gestão e da contabilidade.

Apontando o nosso contexto, no Brasil, Teixeira e Marinho (2010) verificaram a existência de 23 grupos de pesquisa cadastrados no Diretório de pesquisa do CNPq distribuídos em oito áreas de conhecimento. Entre essas áreas, a Educação Física destacou-se com 15 grupos, totalizando 65,21% do total.

A relação entre a Educação Física e o Lazer está bem fundamentada na literatura, segundo Marcellino (2010), no Brasil, a Educação Física se constitui no ramo do lazer desde o início do século XX, em função dos serviços prestados na área. Isso porque, eventos de lazer e recreação dotados, principalmente, de brincadeiras e manifestações culturais esportivas eram expressivos na época. Como consequência dessa proximidade, estudos a respeito da temática adentraram os currículos de formação dos cursos de graduação e atraíram a atenção de profissionais do setor.

Diante desse contexto, Isayama (2002, p. 6) atribui à Educação Física uma “expressiva contribuição ao incremento da produção científica, pedagógica e cultural específica sobre o lazer no Brasil, especialmente no ensino superior”. Um exemplo dessa realidade é o Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer (PPGEL) da UFMG, criado em 2016. Apesar do caráter interdisciplinar do curso, grande parte dos discentes e docentes vinculados ao programa possuem alguma formação no campo da Educação Física.

Por outro lado, o vínculo entre as AA e a Educação Física acontece em decorrência dessas atividades envolverem o movimento humano e integrarem a cultura corporal de movimento, principais objetos de estudo da área. Não à toa, Teodoro (2020) identificou que em 9, das 13 Instituições de Ensino Superior com unidade em BH que oferecem o curso de Educação Física, são ofertadas disciplinas que abordam essa temática.

Em concordância, um estudo realizado por Auricchio (2013) apontou que a formação para trabalhar com as AA em Educação Física foi a:

"(...) mais indicada em virtude dos conteúdos abordados em sua grade, pois estes podem ser muito aproveitados na atuação na área. Porém, essa formação ainda deve ser complementada por cursos específicos nas modalidades em que se vai atuar e também em modalidades afins para que então se consiga trabalhar de forma a inter-relacionar as atividades e conhecimentos, o que trará um benefício maior para quem atua e para quem pratica." (AURICCHIO, 2013, p. 131)

Este dado contribui para a reflexão a respeito da apropriação do conteúdo referente a esse campo por parte dos profissionais da área. Evidentemente, outras possibilidades de formação não podem ser excluídas enquanto capazes de suprir as demandas desse mercado. Para Isayama (2006), as ocupações exercidas pelos profissionais do lazer são diversas e vão desde o planejamento à execução, coordenação, gerenciamento e avaliação de atividades, recursos e projetos, entre outras funções. Nesse sentido, o profissional que trabalha com a aventura, não somente se coloca no papel de condutor da atividade, mas pode exercer cada uma das funções citadas.

Dessa forma, a partir das informações contidas nesse tópico, é possível reconhecer que a conexão entre a Educação Física e as AA na perspectiva do lazer tem se constituído nos campos científico e mercadológico. Este trabalho surge como mais um esforço de explorar o campo concreto de ação desses profissionais e compreender esse mercado de atuação.

CAPÍTULO 3 – O MERCADO DE AVENTURA NA CAPITAL MINEIRA, FORMAÇÃO PROFISSIONAL E EXPECTATIVAS

A partir das discussões traçadas nos capítulos anteriores, que tomam como referência autoras (es) que buscaram compreender um mercado profissional composto por atividades que tem atraído grande interesse da população e sido e adotadas como práticas de lazer pela sociedade, este capítulo visa apresentar e discutir os dados coletados sobre o Mercado de Aventura na cidade de Belo Horizonte.

Nesse contexto, duas empresas que se enquadraram nos critérios de inclusão foram definidas para compor o estudo, ambas ativas por mais de 25 anos na cidade de Belo Horizonte, nas quais os gestores entrevistados estão inseridos no mercado há aproximadamente 20 anos. Essas são empresas tradicionalmente reconhecidas que prestam serviço tanto na capital mineira como em outros municípios do estado, avaliamos, portanto, que possuem grande relevância e presença no mercado.

A primeira delas, trata-se de uma empresa especializada no desenvolvimento de provas do trekking de regularidade, ou enduro a pé, e na organização de outros eventos esportivos, em funcionamento desde 1995.

De acordo com o Atlas do Esporte no Brasil (COSTA, 2006), o termo trekking surgiu no século XIX para tratar das grandes expedições, sem o uso de meios de transporte, realizadas por holandeses no processo de colonização África do Sul, ou seja, sua origem semântica está relacionada à migração. Mais adiante, apropriado pelos aventureiros, o trekking passou a se configurar enquanto uma prática de lazer que propiciava caminhadas contemplativas em meio a natureza (BITENCOURT & AMORIM, 2006).

No início do século XX, práticas organizadas de excursões na natureza já eram desenvolvidas no Centro Excursionista do Brasil, em Teresópolis – Rio de Janeiro e, há indícios, de que provas semelhantes às que acontecem atualmente foram realizadas na década de 80 no estado de Minas Gerais. No entanto, atribui-se aos anos 90 a criação do trekking de regularidade, uma adaptação dos enduros de moto

e jipe à caminhada ecológica que nasceu no estado de São Paulo (AMORIM & BITTENCOURT, 2006).

Em síntese, o esporte consiste em provas nas quais um grupo de pessoas se orienta por meio de bússolas e planilhas com o objetivo de trilhar determinado percurso dentro do tempo pré-estabelecido, ao longo do caminho são instalados postos de controle para verificar o progresso das equipes. Para isso, diferentes níveis de dificuldades são determinados de acordo com as equipes participantes, a diferenciação se dá pela distância e os obstáculos incluídos no percurso. Ou seja, não se trata de uma modalidade de velocidade, mas de orientação, trabalho coletivo e gestão do tempo. Além disso, o esporte está intimamente vinculado ao contato com a natureza e à contemplação de paisagens naturais.

No ano 2000, o jornal a Folha de São Paulo, considerou o enduro a pé como o esporte do futuro no Brasil e previu um grande aumento do número de praticantes devido ao baixo custo e ao ambiente geográfico favorável. Atualmente, a Liga Nacional de Enduro a pé (LINEP), São Paulo e a Confederação Brasileira de Rally a Pé (COMBRAP), São Paulo são as instituições responsáveis pelo esporte no país¹¹.

Em contrapartida, a segunda empresa é responsável por oferecer serviços em duas vertentes mercadológicas, a primeira se refere a venda de materiais esportivos utilizados para prática das AA e a segunda se trata de um espaço com muros artificiais de escalada. Atuante no mercado desde 1993, Gomes (2009), em sua pesquisa de mestrado, aponta como uma das duas primeiras academias de escalada de Belo Horizonte e como uma das mais tradicionais congregando novatos, veteranos, atletas e interessados no esporte.

Tendo surgido há milhares de anos, a escalada é uma prática baseada na ascensão de superfícies que pode, ou não, envolver o uso de equipamentos. Pereira et al. (2019) apontam que

¹¹ BARATO, O ESPORTE ATRAI QUEM GOSTA DE AVENTURA E CONTATO COM A NATUREZA. ATÉ 2005, BRASIL DEVERÁ TER 50 MIL PRATICANTES. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 de novembro de 2000. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq3011200025.htm>>. Acesso em: 12 de agosto de 2020

Do ponto de vista cultural, a escalada foi se construindo historicamente desde o século XVII na Europa com as conquistas das mais altas montanhas e desenvolvendo modos de vida específicos entre aqueles que viviam próximos aos grandes picos.” (PEREIRA et al. 2019, p. 243).

Ou seja, originada do montanhismo, a escalada corresponde a uma das técnicas utilizadas para alcançar os cumes. No entanto, essa prática se popularizou e, na atualidade, faz parte do cotidiano de um público diverso que inclui atletas, aventureiros, curiosos e praticantes, frequentes ou esporádicos, que adotaram a escalada enquanto possibilidade de lazer. Dentre as modalidades que compõem essa atividade estão o *boulder*¹², a escalada em rocha, de velocidade, *big wall*¹³ e outros.

No Brasil, desde 2014, a Associação Brasileira de Escalada Esportiva (ABEE) é a entidade reconhecida que organiza, com o auxílio de ginásios e entidades parceiras, o *ranking* brasileiro de escalada esportiva nas modalidades *boulder* e dificuldade (ABEE, 2020). Em 2016, o Comitê Olímpico Internacional, aprovou a inserção da escalada nos jogos olímpicos de Tóquio, consta na página virtual do Comitê Olímpico Brasileiro que

(...) o esporte contará com três disciplinas: velocidade, dificuldade e *bouldering*. Na disputa de velocidade, dois atletas percorrem uma rota fixa numa parede de 15 metros um contra o outro. No *bouldering*, os escaladores percorrem um número de rotas fixas em uma parede de 4m em um tempo especificado. Na dificuldade, os atletas tentam subir o mais alto possível em uma parede com mais de 15 metros de altura dentro de um tempo fixo. Nos Jogos Olímpicos, cada escalador competirá em todas as três disciplinas, sendo as classificações finais determinadas pelos resultados combinados (COB, 2020).

Entre alguns praticantes, há expectativas de que essa novidade acarrete em ainda mais popularidade para o esporte, que tem conquistado adeptos no mundo inteiro. Outro acontecimento que concedeu novas possibilidades à Escalada foi a construção em massa de muros artificiais, pois colaborou com o desenvolvimento de

¹² Bloco de pedra com alguns poucos metros de altura. Modalidade de escalada praticada sem corda e sempre próximo ao chão.

¹³ Modalidade de escalada onde é necessário pernoitar na rocha por vários dias, demanda uma complexa logística de equipamentos, mantimentos, roupas e acessórios. Exige-se grande experiência e domínio de inúmeras técnicas verticais.

ambientes mais acessíveis e controlados para a prática. Desse modo, os ginásios de escalada se popularizaram.

No Brasil, o primeiro deles foi inaugurado em 1994 em São Paulo (COB, 2020). Já na cidade de Belo Horizonte, existem quatro deles, que são: ROKAZ Academia de Escalada e Fitness, Das Pedras – Escalada BH, Summit Ginásio de Escalada e a UP Escalada.

Inicialmente, ao entrar em contato com os respectivos gestores, os dois se dispuseram a colaborar com a pesquisa, participando de uma entrevista que abordava questões relacionadas às empresas de vínculo, informações pessoais e percepções acerca do mercado. As respostas foram registradas em áudio e transcritas. No texto, as falas dos entrevistados serão reportadas por *E1* (referente ao primeiro entrevistado) e *E2* (referente ao segundo entrevistado) a fim de garantir o anonimato.

Por meio das informações obtidas na análise de conteúdo, realizadas a partir da leitura atenta das transcrições, as categorias de análise desenvolvidas foram: 1) Trajetória dos gestores, 2) Percepção acerca dos profissionais atuantes, 3) Habilidades e competências consideradas relevantes e 4) Visão do Mercado. Nos próximos tópicos, cada uma dessas categorias será discutida.

3.1 Trajetória dos gestores

Como exposto na metodologia, a partir dessa categoria objetivou-se identificar como ocorre a inserção desses profissionais no mercado de aventura, suas experiências formativas e as possíveis interseções entre elas. A mesma foi elencada a partir da seleção de trechos do discurso que evidenciaram construtos relevantes presentes na carreira dos gestores.

Com base nessas passagens, desenvolveram-se duas subcategorias de análise, a 1) histórico de experiências em administração/empreendedorismo e a 2) atividades de aventura enquanto prática de lazer.

Quando questionados a respeito de sua trajetória profissional, verifica-se que

ambos os entrevistados não possuíam, inicialmente, um plano de carreira direcionado a inserção no mercado de aventura. No entanto, são relatadas experiências de trabalho no campo da administração em outros empreendimentos:

Bom, eu comecei trabalhando na loja dos meus pais, eles tinham uma rede de loja de equipamento de segurança, aí depois eu comecei a fazer engenharia civil, eu fiz estágio na construtora FEAN, depois eu fiz estágio na COPASA e depois eu trabalhei na área de orçamento da SURECAP. (E1)

A minha atuação profissional sempre foi muito pautada, principalmente, na área de comércio exterior, durante mais de 15 anos eu trabalhei com muita ênfase no comércio exterior (...). Hoje eu não trabalho mais com comércio exterior, hoje eu tenho outras fontes de renda, ligadas a aluguéis de imóveis, outras coisas parecidas. (E2)

Além de expor esse histórico, por meio do discurso dos entrevistados, é possível observar que os saberes relacionados à capacidade gerencial e organizacional são os muito valorizados por eles:

É um trabalho difícil, até porque novo, então, agora a gente passou pra outro patamar que é escrever os projetos, envolve muito estudo é muito burocrático, a cada evento nosso a entrega de prestação de contas são quatro mil folhas (...) (E1)

Bem, se você for trabalhar no lado da gestão, você tem que ter uma veia de empreendedorismo e de repente, acesso a uma linha de crédito, ou até uma retaguarda de família para que você consiga empreender sem passar muito aperto. (E2)

Esse dado era previsto, uma vez que o cargo de gestão, em qualquer nicho mercadológico, exige a execução de tarefas de planejamento, organização financeira, empreendedorismo, elaboração de contratos e projetos, entre outras. Da mesma forma, outros estudos reforçam essa informação, Carvalhinho (2006), por exemplo, ao categorizar os profissionais inseridos no mercado de aventura, identificou a valorização de competências gerenciais e organizacionais entre aqueles que se apresentam enquanto dirigentes (equivalente aos gestores).

Entretanto, o caminho inverso também é possível, no caso do estudo realizado por Bandeira e Ribeiro (2015), em Brotas – São Paulo, as autoras identificaram que, entre as classes mais abastadas de jovens profissionais, a continuidade no mercado de aventura acontece, na maioria das vezes, por meio da formação institucionalizada na área da Administração e do Turismo. Ou seja, para eles, a formação no campo da gestão surge como uma demanda para desenvolvimento do próprio negócio,

evidenciando a importância dessas aptidões.

No presente trabalho, a experiência no campo da administração antecedeu a inserção dos entrevistados no mercado de aventura. Logo, cria-se um questionamento: de que modo a *aventura* se apresentou enquanto um campo de intervenção profissional para os gestores?

(...) eu sempre gostei muito de caminhar, caminhada em meio a natureza, em lugares diferentes (...) eu acho que o poder que ela tem pra conquistar as pessoas na prática é muito grande (...). Eu já pratiquei outros esportes, já fiz curso de mergulho, vooi de paraplan (no duplo né indo com alguém), é... escalada (...) (E1)

Eu tenho uma experiência muito grande na área de escalada, no sentido de volume de escalada, tanto na área esportiva, com outros tipos de atividade, eu participei de mais de 110/120 corridas de aventura ao longo de 12/14 anos que eu fui muito ativo. E na parte de excursionismo eu viajei bastante, fiz muita atividade na área do excursionismo, levando pessoas para vivenciar tanto a escalada como o montanhismo assim. (E2)

Ambas as respostas seguem o mesmo protocolo, a inclinação para a fazer parte desse mercado adveio do gosto desenvolvido pelas atividades de aventura em sua dimensão não competitiva, em outros termos, as vivências de lazer despertaram nos gestores o interesse pelo mercado. Tal dado vai de encontro às ideias de Folle et al. (2011, p. 31), o autor afirma que “há fatores de ordem social, familiar e pessoal que interferem na escolha de uma profissão” (MACIEL JUNIOR & ISAYAMA, 2018).

Sendo assim, em suas experiências enquanto consumidores e praticantes, os profissionais entrevistados desenvolveram expectativas relacionadas ao ramo da aventura, presumindo a possibilidade de inserção profissional e o potencial do mercado em gerar lucros. Esse contexto coloca em evidência a exposição feita no Capítulo 1, no qual são apresentados dados estatísticos contendo os investimentos financeiros milionários direcionados ao mercado de aventura.

Para mais, além da formação institucionalizada e da experiência em outros campos administrativos, saberes advindos da práxis fizeram parte do processo de formação dos gestores:

Então era assim, tudo gerava um medo: um dia choveu granizo, no outro dia botaram fogo na mata, no dia uma cara liberou a propriedade e depois ele

não deixou mais passar, então agora a sensação que a gente tem é de que tudo pode acontecer que a gente vai saber como resolver. (E1)

O saber constituído da prática não se detém exclusivamente a esse campo, no entanto, a habilidade de prever, detectar e resolver problemas que ocorrem em virtude do risco e das ações imprevisíveis da natureza estão extremamente atrelados à prática cotidiana. O mercado das AA ainda está em processo de estruturação, conseqüentemente a formação desses profissionais também, o gestor precisa estar apto a lidar com os imprevistos que possam vir a ocorrer e ser capaz de selecionar e desenvolver os conhecimentos necessários à sua atuação.

3.2 Percepções acerca do perfil profissional

Por meio da segunda categoria de análise, pretende-se traçar uma discussão acerca do perfil dos profissionais que atuam no mercado de aventura em Belo Horizonte. Essa categoria constituiu-se a partir de trechos do discurso em que os gestores indicam a existência de características típicas e/ou marcantes entre a classe profissional observadas durante sua trajetória na área.

Esses trechos foram agrupados em três subcategorias, a primeira diz respeito à concepção de que os profissionais da aventura são 1) pessoas que possuem o interesse pessoal e a paixão pelas AA, a segunda refere-se a 2) área acadêmica de formação inespecífica e, por último, a existência de uma 3) formação profissional constituída de experiências pautadas na prática e em cursos diversos.

Inicialmente, os gestores mencionaram com frequência a paixão que os profissionais do mercado de aventura apresentam pelas atividades que desenvolvem. Em uma das falas, E1 indica que “já identifiquei, é o seguinte, a maioria de nós é apaixonado, então a gente veio por causa da paixão (...)”. Ainda, relativo à sua própria trajetória de inserção no mercado, a entrevistada afirma que o seu mentor na modalidade de trekking se propôs a ensiná-la porque “(...) ele via a minha paixão, como eu gostava e aí ele achava interessante. Então ele se dedicou a ensinar a mim e a um menino que é do Rio de Janeiro” (E1).

Da mesma forma, E2 apresenta uma compreensão semelhante a respeito do

perfil desses profissionais:

(...) tem muitos biólogos, a biologia é uma área que consegue resgatar bastante os profissionais que tem um certo apreço ao montanhismo, até pela função em trabalho de campo. (...) Agora, normalmente, são pessoas que são apaixonadas pelo montanhismo, pela vivência em montanha, por atividades na natureza. (E2)

É evidente que o processo para escolher uma carreira profissional constitui-se de experiências que permeiam a trajetória desses indivíduos. No estudo desenvolvido por Tardif (2002 *apud* MACIEL JUNIOR & ISAYAMA, 2018), por exemplo, o autor afirma que fatores como a identidade, experiências de vida e história profissional estão associados ao saber dos professores. Em um contexto mais específico, Schwartz e Carnicelli Filho (2006, p. 105) afirmam que guias de rafting da cidade de Brotas “praticavam estas atividades espontâneas no contexto do lazer, desde a infância.”

Ou seja, muitas das experiências que definem uma carreira profissional se desenvolvem por meio de manifestações artísticas, intelectuais, esportivas, entre outras, vivenciadas pelos sujeitos ao longo da vida. No caso dos profissionais da aventura, o gosto pessoal pela prática das AA é uma característica marcante percebida pelos gestores. Nota-se que essas atividades repercutem em um estilo de vida que permeia o campo da produção, do divertimento e do descanso.

Um aspecto interessante, relacionado ao parágrafo acima, se refere ao trecho em que a entrevistada menciona que:

“(...) eu sei que, por exemplo, o valor que você recebe em um final de semana de prova não é o que eu gostaria de pagar, eu acho que valia mais e eu deveria/queria pagar mais. Mas eles sabem que não dá...e aí eu vejo muito que eles têm a paixão, o interesse e prazer. Pra eles envolvem um divertimento, um final de semana diferente, então eles ajudam muito a gente porque eles gostam, sabe? Envolve isso, não é só um trabalho normal, que todo mundo... eu falo que nosso trabalho não é normal (risada). (E1)

Para além, E2 complementa:

(...) a questão da escalada sempre foi uma perfumaria na minha vida, sempre foi uma coisa muito acessória, muito mais ligada ao prazer de estar trabalhando na área do montanhismo do que na parte financeira. (E2)

Em vista dessa discussão, não é intenção estabelecer uma assimilação

romântica entre o lazer e o trabalho. Todavia, embora muitas teorias reforcem a ideia de que esses fenômenos estão desassociados, com base na fala dos entrevistados e em outras pesquisas citadas, compreende-se que essa relação se apresenta de maneira mais complexa. Para Bandeira e Ribeiro (2015), muito dos profissionais da aventura, ao se inserir nesse mercado, buscam a oportunidade de usufruir das atividades que o mesmo proporciona, segundo as autoras:

(...) não se trata de trabalhar por lazer, mas de buscar no trabalho uma modalidade que se pretendia de lazer, mas que é inacessível a determinadas classes e perfis sociais, por falta de políticas públicas que garantam seu acesso. (BANDEIRA & RIBEIRO, 2015, p. 138)

Com frequência, depara-se com o discurso de que os profissionais do setor se divertem enquanto exercem suas atividades laborais. No entanto, ainda que possa haver uma satisfação pessoal em atuar com as AA, a natureza das motivações e as responsabilidades atreladas à prática no contexto do lazer e no contexto do trabalho são distintas (BANDEIRA & RIBEIRO, 2015). Apesar de identificar essa problemática e considerá-la de extrema relevância, não se planeja esgotar a discussão no presente estudo.

No tocante à segunda subcategoria, Castilho (2013, p. 61) aponta que é necessário entender a atuação profissional com o lazer “como uma possibilidade multidisciplinar que permite sua concretização em propostas também interdisciplinares”. Nas entrevistas realizadas, podemos observar que a aventura também se edifica em diferentes campos de formação.

Naturalmente, considera-se que a aventura recebe contribuições das áreas do conhecimento relacionadas ao turismo, Educação Física, biologia, geografia e ecologia devido à proximidade com a temática. No entanto, quando analisado o perfil dos profissionais de aventura, segundo a percepção dos gestores, deparamo-nos com uma representação muito mais diversa, ambos não identificaram trajetórias de formação acadêmicas predominantes entre esses profissionais:

Olha só, o perfil é muito diverso, entendeu? Que muitas vezes eu não estava ligado exatamente só a área de formação, estava ligado muito mais ao interesse pessoal. (...) ao longo da minha trajetória, nós tivemos aqui profissionais muito bons, que eu vou lembrar aqui: eram advogados, que

tinham uma formação muito boa na área de montanhismo, é... vou lembrar de um outro médico, eu tive dois ou três garotos que trabalharam comigo aqui, um já fazia o curso, os outros dois terminaram formando em medicina na UFMG e alguns outros foram colocados pelas outras áreas, no caso, formação em curso superior. (E2)

Como no estudo realizado por Castilho (2013), que aborda o lazer na natureza e a atuação profissional em BH e seus entornos, o autor constatou que os participantes do estudo possuíam formações acadêmicas distintas ou não possuíam um curso superior formal, sendo o último característico das regiões rurais. Nesse caso, conhecimentos relacionados à segurança e à geografia local eram mais reconhecidos.

Em outra pesquisa, realizada por Auricchio (2013), foram aplicados questionários a instrutores de paraquedismo, cerca de 64% deles acreditavam não ser necessária a formação universitária para atuar na área e consideravam a prática e os cursos técnicos suficientes para suprir o conhecimento necessário, além de reforçarem a especificidade da atuação em cada atividade.

Levando em consideração esses dados, supõe-se a não existência de uma formação acadêmica que contemple as expectativas do mercado em relação às competências atribuídas aos profissionais do ramo, sendo assim:

Na prática, mais vale quem conheça o ambiente da atividade ou a técnica da modalidade e consiga sobreviver e transitar em fenômenos naturais diversos, do que quem tem um título e contato sistemático com o conhecimento institucional e teórico, mas não saiba operacionalizá-lo. (BANDEIRA & RIBEIRO, 2015)

Dessa forma, os achados deste estudo corroboram com o que tem sido verificado na literatura disponível, os gestores entrevistados observam que os profissionais inseridos no mercado de aventura de BH desenvolveram sua formação enquanto praticantes das AA. Para mais, os próprios entrevistados, atualmente encarregados de funções gerenciais, mas que já atuaram ou ainda atuam diretamente na condução dessas atividades apresentam o mesmo perfil.

Consequente, o saber advindo da práxis foi o mais citado quando se trata da percepção dos gestores em relação aos profissionais responsáveis por conduzir as AA e essa constatação compõe a terceira subcategoria. Tanto no campo da Educação

Física, quanto no campo do Lazer, muito se discute a respeito da trajetória de formação de treinadores e animadores culturais que desenvolvem seu trabalho a partir da construção de um currículo informal empírico.

Dessa forma, parece haver um preceito que rege os saberes relacionados às AA, ainda que diversas áreas de conhecimento possam contribuir e fornecer princípios, instruções e fundamentos para essas práticas, as mesmas também são dotadas de conhecimentos muito específicos que se consolidam apenas na prática. Em uma das questões, E2 afirma que no ginásio de escalada são contratados escaladores, devido ao conhecimento técnico que os mesmos possuem, E1 complementa:

(...) pra maioria de nós não tem uma formação específica para cada um, por exemplo, o cara que é um dono de muro de escalada, os donos de muro de escalada são escaladores, eu vejo isso, eu conheço alguns. Slackline, professores são praticantes (...) então, acaba que é um meio em que a gente tem a experiência literalmente na prática, não existe uma formação acadêmica especializada (...) (E1)

Ainda, ambos os entrevistados destacam a participação em cursos de primeiros socorros e específicos de sua área de atuação. Isso indica a existência de um campo de formação não formalizado institucionalmente, que se constitui pelo interesse nas atividades. Essa discussão não é recente no Lazer, para Gomes (2011, p. 36), a formação:

(...) não acontece exclusivamente nas instituições formais de ensino, sendo determinantes para o processo formativo as influências exercidas pela família, pelos amigos, pelo trabalho, pela política, pelos meios de comunicação, etc.

No entanto, a autora aponta a necessidade de uma atuação crítica e reflexiva no campo do lazer, rompendo com a lógica de reprodução e alienação muitas das vezes atribuídas a essas atividades de forma a privilegiar uma intervenção contextualizada. A fala da autora provoca uma reflexão acerca da formação desses profissionais, que habilidades são relevantes no contexto das atividades de aventura? Sendo assim, a próxima categoria surge como uma tentativa de se aprofundar nessa reflexão.

3.3 Habilidades e competências consideradas relevantes

Embora tenha-se identificado um currículo acadêmico inespecífico direcionado à aventura, tal fato não implica na inexistência de competências necessárias à atuação desses profissionais.

Um estudo, realizado por Collins & Collins (2018), investigou o papel da prática acadêmica na educação e no desenvolvimento de profissionais *outdoor*. Os autores sugerem que a capacidade de perceber o contexto (sensibilidade cultural à atividade), um intelecto formado (conhecimento declarativo da atividade e da pedagogia) e uma sabedoria prática (a capacidade de fazer a coisa certa, na hora certa) fazem parte desse agrupamento de habilidades.

Outros estudiosos também tentaram especificar competências relevantes para esses profissionais, por exemplo:

Priest e Gass (1997), numa pesquisa sobre a liderança em programas de aventura, destacaram um conjunto de competências-chave que um líder de atividades de *outdoor* deve perseguir: competências técnicas, competências ao nível da segurança, conhecimento do meio natural, competências de organização, competências ao nível da instrução, gestão de infra-estruturas (espaços) e equipamentos, capacidade de liderança, capacidade de julgamento, capacidade para resolver problemas, capacidade para tomar decisões, capacidade de comunicação real e ética profissional.” (CARVALHINHO, 2006, P. 46)

Portanto, pode-se observar que essa temática recebe atenção de alguns pesquisadores da área. No presente estudo, buscou-se identificar, a partir das falas dos gestores, um conjunto de habilidades consideradas pertinentes para a atuação no campo profissional da aventura. Dentre os dados coletados, foram apontados o 1) conhecimento técnico a respeito da atividade, a 2) capacidade para prever e lidar com situações de risco, a 3) proatividade e, como conhecimento desejável, foi citada a 4) formação em Educação Física.

Em relação à primeira categoria, foi destacado nas entrevistas uma característica básica esperada de todos os profissionais. Observa-se que ambos os gestores acreditam que os mesmos devem ser dotados de um conhecimento profundo e consolidado acerca das atividades que estão conduzindo:

(...) o próprio trekking de regularidade envolve muita técnica, muita informação, então por exemplo, a leitura da planilha, leitura de bússola, diferenciar norte magnético e geográfico, então ele precisa se especializar e ter conhecimento na área do esporte. (...) um cara/instrutor que vai organizar um campeonato de skate, ele vai ter que ter conhecimento amplo na área do skate, a gente tem que ter conhecimento amplo na área do trekking de regularidade e assim sucessivamente (...) (E1)

(...) é essencial, pra pessoa vivenciar e levar pessoas para esse tipo de atividade, primeiro: tem que ter uma capacitação, no sentido técnica no tocante a escalada rígida, forte e consistente. (...) é muito importante porque, já nos economiza muito a questão do conhecimento técnico, que ele é amadurecido, você simplesmente não aprende de um dia para outro a escalar. (E2)

Considerando os dados apresentados na segunda categoria de análise (Percepções acerca do perfil profissional), ainda que se compreenda conceitualmente os movimentos corporais, o funcionamento de equipamentos e as características de regiões específicas, o saber constituído no cotidiano desses profissionais, que possuem uma relação estreita com o campo de atuação e vivenciam situações diversas enquanto praticantes e condutores, é distinto daqueles que apenas dominam os conceitos. Como para Bondía (2002), há necessidade de separar a informação da experiência.

Em consonância, Bandeira e Ribeiro (2015) afirmam que a especificidade técnica exigida para a condução das AA necessita de uma formação prática, incapaz de ser contemplada apenas por meio dos cursos de graduação associados com frequência às AA. Além disso, as autoras sinalizam que:

(...) é preciso valorizar os saberes não institucionalizados dos agentes sociais nativos dos locais propícios para as diversas práticas de *aventura* e também melhorar a qualidade dos cursos técnicos intensivos oferecidos tanto por entidades esportivas quanto por seus empreendedores, em uma formação transdisciplinar e multi situada que preferencialmente deveria combinar estas diversas fontes de informação e experiência. (BANDEIRA & RIBEIRO, 2015, p. 153)

No entanto, pautando-se em uma concepção do lazer que combate a formação de profissionais pragmáticos, refletir sobre as estratégias pedagógicas e o objetivo dessas atividades é relevante. Quando essas atividades acontecem de maneira descontextualizada, visando somente o lucro das empresas e excluindo seus os aspectos educativos, corre-se o risco de negar a abordagem de temas relevantes.

Para além disso, a valorização do conhecimento técnico está estreitamente relacionada à tentativa de garantir uma experiência segura para o praticante, pois, ainda que o risco seja inerente, o uso correto de espaços e equipamentos reduz a chance de imprevistos. Esse elemento compõe a segunda categoria elencada no tópico: capacidade de prever e lidar com situações de risco. Nesse contexto, E1 afirma que o profissional “Tem que ter curso de primeiros socorros (...)” e E2 complementa:

Com relação a habilidades secundárias, tem que estar habilitado com relação aos primeiros socorros, mas o principal, que eu noto, a pessoa tem que ter um bom senso, uma capacidade de avaliação de risco, além do óbvio, não pode ser incoerente (...)

Paixão et al. (2011) assegura que para minimizar a chance de acidentes, é necessário

(...) aliar uma série de saberes que incluem domínio da técnica, habilidades adequadas à modalidade que está realizando, conhecimento e emprego da tecnologia e de equipamentos, capacidade de decifrar informações referentes ao ambiente natural e, diante do imprevisto, capacidade de decidir e agir antecipadamente por meio de estratégias a serem utilizadas para superar o obstáculo e atingir seus fins." (PAIXÃO et al., 2011, p. 416)

Como abordado em capítulos anteriores, o risco é um dos elementos fundamentais relacionados à aventura, capaz de despertar diferentes reações em cada pessoa. Nas AA, a dimensão do risco decorre, dentre outras questões, da ação conjunta dos profissionais em diálogo com os praticantes. Posto isto, é elementar que o instrutor tenha uma boa capacidade de comunicação, didática e empatia ao intervir no comportamento de quem está sendo orientado.

Nas duas empresas são oferecidos cursos iniciais para praticantes que estão adentrando às práticas a fim de garantir essa boa comunicação, no empreendimento de E2 há uma aula de noções básicas de escalada na empresa de *trekking* E1 menciona que:

(...) para aqueles que vão começar a fazer a prova, a gente dá um cursinho sobre o esporte que envolve técnicas de segurança, técnicas de leitura da planilha, tem a coisa da técnica do esporte e tem também a técnica básica de segurança que também são coisas que parecem tão simples, mas que muita gente que vai começar a andar, a fazer trilha no meio do mato e tal, esquece.

Esquece de levar água, esquece de um kit de primeiros socorros, esquece de avisar pra alguém que ela tá indo fazer aquele percurso... então isso tudo é muito importante quando você envolve a prática em meio a natureza. Tem que ter. (E1)

Assumindo o risco das AA, os cursos de primeiros socorros foram citados como essenciais, pois, ainda que o objetivo principal seja evitar incidentes, o risco não pode ser anulado. Dessa forma, é possível que durante a prática seja exigido do profissional prestar atendimento aos clientes ou mesmo à colegas de profissão.

No trabalho desenvolvido por Carnicelli Filho (2013), ao discutir a vida emocional dos guias de aventura, o autor apresenta o paradoxo de que embora seja interessante que o cliente se sinta preocupado ou com medo, o condutor da atividade deve demonstrar segurança durante todo tempo. Ou seja, lidar com essas situações, para além da habilidade cognitiva, exige também certo controle emocional.

Como apresentado nas discussões anteriores, a trajetória de formação dos profissionais de aventura é especialmente autônoma, desta maneira, depende, em grande parte, da disponibilidade e dedicação dos mesmos para buscar atualizações e conhecimentos que possam contribuir para a atuação.

Frente a esse cenário, desenvolve-se a terceira subcategoria que diz respeito à proatividade indicada pelos entrevistados como sendo outra competência primordial, E2 afirma que os profissionais da área “tem que ter uma vontade de trabalhar muito grande”. Além disso, aparecem outras falas como:

(...) eu sei que esse menino aqui é bom no resgate quando ele tem interesse
(...) eu acho que a principal coisa que tem que ter é a proatividade, quando você mexe com evento você tem que tá disposto a fazer tudo que precisar.”
(E1)

Com relação à aventura, a outra qualidade que eles têm que ter é ter o interesse de se preparar para esse mercado que ainda não está bem definido legalmente, estruturalmente, então, por exemplo, estudar. (E1)

Uma gama enorme de conhecimentos contribui para a condução das AA, desde aspectos técnicos, pedagógicos à conhecimentos sobre ecologia e liderança. No entanto, no Brasil, não há uma instituição que reúna todos esses aspectos em uma educação formal universal. Dessa forma, o profissional desenvolve sua formação de maneira fragmentada a partir de demandas que surgem da prática ou de discussões

que surgem no meio legal.

Quando esses profissionais possuem uma base de conhecimentos centrada em alguma formação universitária, seja na geografia, no turismo, na Educação Física, entre outros, os mesmos necessitam buscar os conhecimentos transdisciplinares que contemplam as AA em seus diversos contextos através de cursos específicos.

Como bem apontado por Silva (2004), os conteúdos contemplados pelos currículos do ensino superior formal emergem de discussões e disputas políticas. Ou seja, não são e não devem ser capazes de suprir todas as demandas mercadológicas. Considerando essa particularidade, é importante que as instituições se preocupem em apresentar um ramo diversificado de campos de atuação durante a trajetória acadêmica. De modo a privilegiar a autonomia do indivíduo enquanto sujeito ativo em sua formação, tornando-o capaz de fundamentar sua prática profissional.

De acordo com o Art. 3º da LEI Nº 9.696, de 1 de setembro de 1998, que dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física:

Compete ao Profissional de Educação Física coordenar, planejar, programar, supervisionar, dinamizar, dirigir, organizar, avaliar e executar trabalhos, programas, planos e projetos, bem como prestar serviços de auditoria, consultoria e assessoria, realizar treinamentos especializados, participar de equipes multidisciplinares e interdisciplinares e elaborar informes técnicos, científicos e pedagógicos, todos nas áreas de atividades físicas e do desporto (BRASIL, 1998).

Nesse contexto, é ilusório fiar-se na ideia de que a graduação em Educação Física é capaz de formar um profissional apto a atuar integralmente com todas as manifestações existentes na cultura corporal de movimento. Todavia, ainda que exista um distanciamento entre as especificidades das AA e os currículos formais de ensino, o domínio de saberes que envolvem o movimento em seus aspectos biodinâmicos e culturais aproximam muito a Educação Física das AA.

Essa aproximação foi considerada expressiva para os entrevistados:

Eu fiz engenharia civil e agora eu estou fazendo Educação Física, estou gostando muito do curso. Eu já trabalhava na área com esporte e produção de eventos, já tem 16/17 anos e eu achei que era interessante eu entender melhor a prática esportiva de uma forma geral e eu achei que ia ajudar bastante.” (E1)

(...) os profissionais de Educação Física, pra trabalhar, principalmente com a escalada, é uma coisa bem nova, talvez uns 5/7/10 anos atrás, então naturalmente é desejável que ele tenha uma formação na área de Educação Física, nem sempre nós conseguimos. Nos últimos anos, os profissionais, posso citar o nome de uns dois ou três que são muito bons e tem a formação em Educação Física. (...)

Sendo assim, pode-se observar que a possibilidade de inserção no mercado por meio da formação em Educação Física é valorizada pelos gestores. Esse dado vai de encontro aos estudos de Auricchio (2013), no qual os profissionais, apesar de não valorizarem uma formação acadêmica, avaliam a Educação Física como a mais indicada.

Uma das hipóteses constituídas no cerne dessa pesquisa, é a existência de uma relação entre os campos, afinal a própria trajetória da autora perpassa por essa construção. No entanto, ainda há obstáculos para consolidar o vínculo entre a Educação Física e a Aventura no ensino superior. Em uma pesquisa realizada por Teodoro (2020), na qual o autor entrevistou professores universitários que estão à frente das disciplinas relacionadas às AA em suas instituições, foi possível identificar que os mesmos se sentem desafiados a ministrá-las visto que se trata de um assunto pouco explorado no campo.

Ainda que a passos lentos, parece haver uma expectativa dos entrevistados em relação a ocupação desse mercado por profissionais da Educação Física, E2 indica que “nos próximos anos, nós vamos começar a notar alguns profissionais da Educação Física se destacando no mercado, não ainda.”

3.4 Visão sobre o mercado de aventura em Belo Horizonte

O mercado de aventura constitui-se de uma variedade de serviços prestados que abrangem desde experiências de condução em trilhas, saltos em altura, deslocamento no meio aquático e etc. a vendas de materiais e equipamentos para

modalidades específicas. No presente trabalho, preocupou-se em identificar a visão dos entrevistados a respeito desse nicho mercadológico.

Buscou-se identificar, nas entrevistas, trechos do discurso em que os gestores apontam as possibilidades, problemas e previsões relacionadas ao mercado de aventura. Nesse contexto, surgiram duas subcategorias, a primeira remete à 1) visão do mercado de aventura no momento atual e a segunda se refere às 2) expectativas nutridas em relação ao mesmo.

Inicialmente, é possível afirmar que ambos os gestores acreditam que o campo se apresenta de maneira incipiente e ainda está em desenvolvimento. Na fala a seguir, E2 narra sua experiência ao ingressar no mercado do montanhismo:

(...) no início dos anos 90 era muito interessante porque nós tínhamos quatro ou cinco áreas de escalada aqui no entorno de Belo Horizonte. Entre gruta da Lapinha, Serra do Cipó, Ouro Preto, talvez uma ou duas outras áreas que fossem pouco frequentadas e praticamente nós conhecíamos todo mundo. Você chegava em qualquer área de escalada, todo mundo que estava escalando, você conhecia. (...) Todo mundo do mountain bike se conhecia também, sabe... então era muito legal. (E2)

Já E1 comenta sobre o esforço da empresa em desenvolver equipamentos para aprimorar a prática do trekking pelo fato de serem pioneiros na modalidade:

(...) a gente meio teve que criar as ferramentas pra fazê-lo ficar profissional, então por exemplo, hoje a gente usa uma operação eletrônica. Um parceiro nosso desenvolveu as máquinas como precisava de ser e tal, desenvolveu o chip (...). A taxa de erro de um competidor de trekking é de 5%, então você imagina um cara contando 8km/10km de prova no passo, ele só erra 5% aí, em relação a navegação e tal. Então desenvolvemos um equipamento especialmente pra apurar a prova, mas as primeiras provas que aconteciam, não existia um equipamento. Um menino ficava anotando com um relógio no meio do mato cada equipe que passava e o horário, aí a precisão dos competidores foi aumentando à medida que eles foram praticando e, por exemplo, a precisão deles envolve segundos e como que um cara anotando hora, minuto e segundo que cada um vai passar em uma prova que por exemplo chove e aí papel não adianta, tudo dissolve, e aí? Então tudo isso foi sendo bolado pro negócio acontecer.” (E1)

Ao mesmo tempo em que as falas supracitadas colaboram com a noção de “pouca idade” do mercado, elas também contribuem com a ideia de dinamicidade, tanto pelo aumento do número de praticantes, quanto pela necessidade de desenvolvimento de novos equipamentos. Isso porque, especula-se que os

praticantes estão evoluindo e, por isso, há uma demanda de tecnologias mais avançadas para auxiliá-las (os) na prática. Por isso, cada vez mais, roupas, calçados, barracas, cordas, sistemas de localização (e etc.) estão sendo desenvolvidos para atender às necessidades específicas de cada atividade.

No entanto, essa parece não ser a realidade para uma grande parcela das pessoas que se atraem pelas AA. Como vemos abaixo, E2 relata que, apesar das práticas atraírem o olhar de muitas pessoas, nem sempre a curiosidade torna-as consumidoras assíduas do mercado, dispostas a investir uma quantidade significativa de dinheiro no mesmo:

Eu acho que o Lazer ainda está muito incipiente, muito no começo aqui, eu vinte anos atrás acreditava que em 5/10 anos a gente fosse vivenciar alguma coisa maior/mais forte e conseguisse até resgatar algum dinheiro. Mas eu acredito muito no trabalho do lazer. (...) Isso nós sentimos, todas as semanas nós temos uma quantidade de público que chega na academia, movido aqui pela curiosidade. Mas entre concretizar essa curiosidade e o mercado começar a andar, tem uma distância muito grande. Mas nós sentimos que existe uma determinada curiosidade aí.” (E2)

Nesse contexto, o gestor descreve o empreendimento enquanto uma “perfumaria” em sua vida e indica que, apesar do crescimento expressivo, a Academia de Escalada ainda não foi capaz de gerar o lucro esperado. Corroborando com esse dado, Araújo (2012) aponta que embora a procura pelas AA tenham crescido e alcançado uma maior exposição na mídia, a carreira nesse campo não é totalmente rentável, principalmente devido a sua sazonalidade. Além disso, o autor indica que os donos das agências, relacionam as dificuldades de crescimento aos desafios do empreendedorismo no Brasil, que julgam ser custoso.

Por meio de uma análise mais ampla, podemos considerar que a dificuldade encontrada por esses gestores não é um problema exclusivo do nicho mercadológico da aventura, mas uma consequência da situação econômica do país, que há anos enfrenta inúmeras crises. Um desses exemplos é a desvalorização da moeda em relação ao dólar, que tem como consequência o alto preço de equipamentos exportados. Esse fator aparece na fala do entrevistado:

Então eu acredito que em uma janela superior a 2 anos, a gente consiga talvez buscar um indicador de que haverá meio circulante, vulgo dinheiro na

praça, com o qual a população/o público em geral consiga justificar a adesão a novas possibilidades, tanto de lazer quanto de esporte. Ou seja, não tenho uma expectativa muito bom pros próximos dois anos não. Não consigo enxergar isso. E tem outra coisa, o câmbio tá muito elevado, tá muito desfavorável ao real. Então, para você fazer uma aquisição de equipamento, tá inviável ou até a manutenção do equipamento que você já tem. (E2)

Quando procuramos saber sobre as expectativas dos gestores em relação a esse ramo, deparamo-nos com algumas divergências. Para E2, os negócios “vão mal” e devem continuar assim a médio ou longo prazo, já E1 parece se colocar em uma posição mais positiva em relação ao mercado. As falas abaixo retratam essa contradição:

(...) não tem nada que fale “não, você não está preparado pra isso” Então eu acredito que com essa força que o mercado tá tomando, muito porque muita gente tá querendo fazer, seja estruturado é... um estudo mesmo do mercado mais específico. Acho que a gente tá muito em cima do turismo só e envolve a prática mesmo do esporte. (E1)

Com relação a espaço de escalada, nós esperávamos que nós íamos ter um preço muito grande, um afluxo grande de novos praticantes... isso também não aconteceu, apesar do surgimento de novos espaços de escalada muito expressivo. A região metropolitana de Belo Horizonte tem quatro milhões e meio de habitantes e tem praticamente quatro ou cinco espaços de escalada, que todos na minha avaliação estão subutilizados, então ou tem que ser necessário fazer algum trabalho de marketing muito grande pra trazer um público novo, que eu acho que não compensa. O que vai se gastar é muito maior do que se vai arrecadar ou então tem que dar uma manutenção nos espaços, do jeito que eles estão, entendeu? Em relação às outras atividades, as atividades de trekking, excursionismo e outras atividades de aventura que surgiram a posteriori, no caso das corridas de aventura, as corridas de subida de montanha, a coisa mais nova... não existe realmente um crescimento expressivo. Isso a gente mede através de venda de produto e própria circulação de informações nas redes sociais. Então o que eu vejo, em vinte e poucos anos que eu estou aqui, o mercado cresceu? Cresceu. Mas o tanto que ele cresceu não se traduz em uma quantidade expressiva de pessoas e nem se traduz em ganho pro empreendedor, nem traduz em realmente uma oportunidade que vem a se materializar em curto prazo que justifique muitas vezes a manutenção de grandes expectativas em cima do mercado. Existem oportunidades? Existem, muitas vezes boas oportunidades, mas você vai ter que ter a sua expertise muito acurada pra se encaixar numa oportunidade dessa. (E2)

Essa contraposição pode estar atrelada ao fato de que as empresas operam com modalidades e mecanismos distintos. Ainda que a escalada seja um esporte popular entre as AA, o acesso a ela não é tão simples quanto ao trekking, principalmente em virtude dos equipamentos utilizados. Determinadas modalidades da escalada, contam com cordas, freios, sapatilha, capacete e outros. Já para o

trekking, o investimento inicial é muito menor, basicamente, são necessários tênis, roupas confortáveis, uma bússola e a planilha de orientação.

Além disso, a própria demanda física requisitada para realizar cada uma dessas atividades são de níveis diferentes. Na escalada, a exigência muscular para os iniciantes é maior, pois os movimentos exigidos não são tão usuais como em uma caminhada. Além disso, por envolver a altura, a modalidade pode despertar um maior receio dos praticantes

Em segundo plano, está o fato de que a empresa de *trekking* opera em conjunto com a federação mineira da modalidade, por meio da Lei de Incentivo de Esporte Estadual, organizando o Circuito Mineiro de *Trekking*. Desse modo, é possível divulgar a modalidade em eventos gratuitos para a população de várias regiões do estado.

Atentando-se para outro ponto, no que diz respeito às normas de regulamentação para condução de atividades de aventura, E1 demonstra insatisfação com o cenário atual:

A única que teve, em 2005, a secretaria de turismo desenvolveu um estudo pra estudar sobre turismo de aventura, esqueci o nome do órgão...era uma secretaria dentro da secretaria de educação. Eles, por exemplo, vão lá no Canadá ver como é um rapel, um rapel dentro do primeiro mundo, que tem seguranças, é bem estruturado, o que não pode faltar... por exemplo, se você for na Europa, todo parque que você for entrar, você paga um seguro e as pessoas sabem que você entrou naquela área e tal. Aqui não, se você entrar na serra do cipó por exemplo, o parque abrange vários municípios e não é fechado, qualquer pessoa pode entrar. Então é muito diferente, mas existe uma norma, um seguro, uma legislação e aí eles fizeram esse estudo, a (esqueci como ela chama... AMETUR...) ah, mas mesmo assim foi na época uma coisa de governo e igual ela começou, ela acabou, não teve continuidade, nem material disso, nada. Tipo assim, o pessoal viajou até às custas e não tem nada documentado assim. (E1)

Ou seja, para a gestora, há problema estrutural no mercado de aventura, que diz respeito à falta de regulamentações para a prática. De fato, essas normas são de extrema relevância para garantir tanto a segurança dos praticantes quanto a preservação dos locais em que as atividades ocorrem. No entanto, ao tentar identificar o fato isolado mencionado pela entrevistada, foi possível encontrar uma série de documentos relacionados.

Em 2003, uma comissão de brasileiros, ligados ao Ministério do Turismo, visitou a Nova Zelândia com o objetivo de exportar as boas práticas referente às atividades de aventura adotadas pelo país (EICHENBERG & DA SILVA, 2013). Já em 2004, empreendedores atuantes no ramo, com a coparticipação do Ministério do Turismo, fundaram a ABETA. Esses órgãos, somados ao Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (INMETRO) e à Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), foram responsáveis por desenvolver uma série de normas técnicas para o Turismo de Aventura no Brasil. Segundo Eichenberg e Da Silva, (2013, p.5), o programa alcançou uma boa projeção no cenário mundial:

Com 28 normas técnicas publicadas e um processo de certificação em Ecoturismo e Turismo de Aventura com acreditação pelo Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (INMETRO), o Brasil tem sido apontado como referência mundial nesses segmentos. As empresas são certificadas conforme a ABNT NBR 15331:2005 - Sistemas de Gestão da Segurança 5 - Requisitos.

Além disso, em 2006, esses foram os órgãos responsáveis por desenvolver o Programa Aventura Segura (PAS). Mediante a ele, intencionava-se qualificar empresas e profissionais do setor, auxiliando-os na implementação do Sistema de Gestão da Segurança (SGS) a partir das normas brasileiras publicadas (EICHENBERG E DA SILVA, 2013).

Todavia, apesar da boa repercussão mundial, a satisfação entre os profissionais ligados ao setor não é hegemônica, como apontam Bandeira e Oliveira (2015, p. 152):

Em 2005, um conjunto de entidades esportivas contestou por carta enviada ao Conselho Nacional de Esporte (CNE) a legitimidade do trabalho da Abeta e a adequação de suas normas e exigiu um posicionamento do Ministério do Esporte em reivindicar para as associações e confederações existentes, visto o princípio constitucional da autonomia esportiva, o direito de regulamentação do campo da aventura não como um todo, mas cada instituição responsável por sua modalidade específica. Baseados no argumento de que órgãos nacionais de representação e de organização de algumas modalidades já existiam antes da criação da Abeta – e que, pela atividade física vigorosa implicada em sua prática, a aventura seria esporte – e não foram consultadas para a confecção das normas ABNT. Tal ação culminou com a criação da Comissão de Esporte de Aventura no Ministério do Esporte.

Ainda assim, a comissão não conseguiu se sustentar, uma vez que as Atividades de Aventura não se enquadram no quadro de prioridades do, até então

existente, Ministério do Esporte. Uma das hipóteses sobre a insatisfação da gestora acerca dessas normas, pode estar relacionada à essa segmentação das áreas.

Como vemos, uma série de divergências circundam o mercado de aventura, a maioria em função das múltiplas possibilidades de vivência dessas atividades. Esse fator é positivo, pois resulta em um mercado plural que recebe a contribuição de saberes diversificados, no entanto, também gera campos de disputa profissional. Portanto, é desejável que essas normas sejam desenvolvidas de maneira contextualizada, em consonância com o trabalho já executado em cada um dos espaços de atuação, verificando os erros e acertos.

CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta se trata de uma pesquisa exploratória, que demanda aprofundamento, mas que já é capaz de provocar diferentes reflexões teóricas acerca da temática e contribuir para o debate. No presente estudo, buscou-se traçar um panorama sobre o mercado de aventura em Belo Horizonte a partir da percepção de gestores de empresas de tradição na cidade e compreender a relação entre esse mercado e a formação em Educação Física.

Inicialmente, com o intuito de identificar a trajetória dos entrevistados, exploramos o histórico de atuação dos mesmos. Observou-se que ambos executavam funções administrativas em outros tipos de estabelecimento e viram no mercado de aventura uma oportunidade de desenvolvimento financeiro, enquanto ainda se aventuravam como praticantes em diferentes modalidades das AA. Essa ação foi motivada tanto pelo crescimento visível no interesse dessas atividades, quanto pela satisfação pessoal em trabalhar com uma atividade que lhes era prazerosa.

O resultado era esperado, visto que na introdução do trabalho é possível encontrar dados que ratificam o crescimento do mercado de aventura à nível mundial, isso tem atraído diferentes olhares, seja no âmbito econômico, seja entre a comunidade científica. Não à toa, se constitui essa pesquisa, que buscou compreender o nicho mercadológico da aventura na cidade de Belo Horizonte.

Além disso, outros estudos desenvolvidos na área também compartilham dados relevantes com os achados dessa pesquisa. Muitas (os) autoras (es) identificaram que o campo de formação que fornece os conhecimentos necessários para conduzir AA, ainda se constitui na prática. E nesse sentido, ainda que os saberes não devam se enquadrar na hierarquia estabelecida pelo ensino formal, parece ser positivo traçar um diálogo entre a experiência da prática, o conhecimento acadêmico e as exigências do mercado. Apesar de não acreditar no ensino superior como único possível para uma atuação crítica e reflexiva, é importante estabelecer espaços de formação e trocas que levem em conta o caráter educativo das AA.

Isso fica ainda mais latente se levado em conta que os aspectos pedagógicos e de consciência ambiental não aparecem em nenhuma das falas dos gestores sobre a percepção do perfil ou exigências do mercado profissional, o que não significa que os profissionais da área não possuam essas competências, mas elas parecem ficar em segundo plano para o mercado. Em estudos futuros, é importante investigar como o campo tem pautado as discussões sobre o domínio pedagógico para ensinar as técnicas referente a cada modalidade e o processo de conscientização sobre a ocupação dos espaços em que são conduzidas essas atividades, o direito à cidade, a preservação ambiental, a relação com as comunidades ao entorno, entre outras.

Essa discussão nos preocupa, pois nos últimos anos temos visto no Brasil, um total descaso dos órgãos governamentais com a preservação dos ecossistemas nativos. É possível sensibilizar a população e desenvolver a conscientização ambiental por meio das AA, no entanto, essas atividades também podem trazer um impacto negativo ao local de prática, se não abordadas de maneira adequada. Dessa forma, é importante que profissionais da aventura *outdoor* estejam comprometidos com a preservação e valorização dos ambientes em que atuam.

Ainda sobre a formação nesse campo, alguns autores realizam discussões acerca das dificuldades impostas socialmente para que sujeitos se apropriem de determinadas práticas culturais. Frente aos dados apresentados neste estudo, constitui-se uma reflexão: se o mercado de aventura é formado por profissionais que advêm da experiência prática, aqueles que não têm acesso a essas atividades, acabam por serem excluídos do campo de atuação? Essa é uma questão importante, estudos que procurem investigar o perfil socioeconômico desses profissionais poderiam gerar dados relevantes para compreender a inserção dos mesmos no mercado.

Quanto à relação das AA com a formação em Educação Física, este trabalho traz dados relevantes. Os gestores já percebem o interesse dessa classe profissional e suas contribuições para o mercado, mas ambos reconhecem que a Educação Física ainda não está consolidada na área. Dessa forma, essa é uma boa oportunidade que ainda precisa ser explorada pelos currículos de formação profissional. Pois, ainda que

essa não seja a única formação possível para atuar com as AA, o mercado na área é muito promissor e pode render bons frutos a esses profissionais.

No entanto, vive-se um contexto diferente devido a alguns fatores que marcaram o ano de 2020. O primeiro se refere à Pandemia da Covid-19¹⁴, essa situação, além de causar a morte de milhares de pessoas no país, prejudicou a situação econômica de grande parcela da população e limitou várias possibilidades de lazer.

Sendo assim, é possível trabalhar com a hipótese de que no campo econômico o país ainda enfrentará uma grande recessão, que limitará a população a usufruir de momentos de lazer que envolvem investimento financeiro. No entanto, também pode-se especular que devido às reflexões provocadas durante esse período, o Lazer passará a ser mais valorizado, principalmente as manifestações culturais associadas à melhora da saúde e qualidade de vida. E talvez, por isso, as AA cresçam ainda mais.

Por fim, o estudo apresenta especificidades geográficas e temporais, mas contribui com provocações para novas investigações na área que devem ser abordadas em pesquisas futuras.

¹⁴ Alguns estudos visando identificar os impactos da pandemia da Covid-19 no lazer dos cidadãos foram desenvolvidos nesse período.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EMPRESAS DE ECOTURISMO E TURISMO DE AVENTURA. Disponível em: <http://abeta.tur.br/pt/pagina-inicial/>. Acesso em: 10 agosto 2020.
- ARAUJO, J. **A formação de profissionais que atuam com esportes e atividades de lazer na natureza no entorno da cidade de Belo Horizonte/MG** Orientadora: Christianne Luce gomes. 133 p. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- AURICCHIO, J. **Formação e atuação profissional em atividade de aventura no âmbito do lazer**. 2013. 172 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2013.
- BAHIA, M. Uma análise crítica das atividades de aventura: possibilidades de uma prática consciente e sustentável. **Dia a Dia Educação**. 2010.
- BANDEIRA, M.; RIBEIRO, O.; Sobre os profissionais da aventura: problemas da atuação na interface esporte e turismo. **Licere**. Belo Horizonte, v. 18, n. 3, p. 116-157. set. 2015.
- BARBANTI, V. O que é esporte? **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**. Online. v. 11, n. 1, 54-58, 2006.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Trad. Reto, L; Pinheiro, A. São Paulo: Edições 70. 2011. 280 p.
- BITENCOURT, V., AMORIM, S. Trekking Enduro/Rally a pé. *In*: DACOSTA, L. **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio De Janeiro: CONFEF, 2006. 369-370
- Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. **Diário Oficial da União**, Lei Nº9.696, de 1 de setembro de 1988 Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19696.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%209.696%2C%20DE%201,Conselhos%20Regionais%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20F%C3%ADsica, acesso em 22 de março, de 2021.
- BONDIA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2002, n.19, p. 20-28. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1413-24782002000100003&script=sci_abstract&tlng=pt, acesso em 22 de março, de 2021.
- CAMARGO, L. **O que é lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARNICELLI-FILHO, S. The emotional life of adventure guides. **Annals Of Tourism Research**, [online], v. 43, p. 192-209, out. 2013.

CARVALHINHO, L. **Os Técnicos e as Atividades de Desporto de Natureza: Análise da formação, funções e Competências Profissionais**. 2006. 332 f. Tese (Doutorado) - Curso de Escola Superior de Desporto, Universidade de Trás-os-montes e Alto Douro, Santarém, 2006.

CASTILHO, C. **Lazer na natureza e atuação profissional: discursos e práticas contemporâneas**. Orientadora: Christianne Luce Gomes. 137 p. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Estudos do Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

COLLINS, L.; COLLINS, D. The role of 'pracademics' in education and development of adventure sport professionals. **Journal Of Adventure Education And Outdoor Learning**, [online], v. 19, n. 1, p. 1-11, 23 jun. 2018.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/cob/time-brasil/esportes/escalada-esportiva/>. Acesso em 10 de agosto de 2020.

COSTA, C. Montanhismo. In: DACOSTA, L. **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. 369-370

DUMAZEDIER, J. **Valores e conteúdos culturais do Lazer**. São Paulo: SESC, 1980

EICHENBERG, F.; DA SILVA, C. Políticas públicas de turismo no Brasil: normalização em turismo de natureza e a experiência do programa aventura segura. **Revista Turydes**, Málaga, v. 6, n. 15, dez. 2013. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/turydes/15/natureza.html>. Acesso em: 20 nov. 2020.

FEIL, A.; SCHREIBER, D. Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: desvendando as sobreposições e alcances de seus significados. **Revista. O Cadernos EBAPE.BR**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, 667-681, jul./set. 2017.

FERREIRA, A. **Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 895 p.

GOMES, C. G. **Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas**. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

GOMES, C. L.; AMARAL, M.T. **Estudos avançados do lazer: metodologia da pesquisa aplicada ao lazer**. Brasília: UniSesi, 2005. 93 p.

GOMES, C. Lazer e Formação Profissional: Saberes necessários para qualificar o processo formativo. In: FORTINI, J.; GOMES, C.; ELIZALDE, R. (Org.). **Desafios e Perspectivas da Educação para o Lazer** SESC/Otium, Belo Horizonte, 2011, p. 33-46.

GOMES, C. Lazer: Necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p.3-20, abr. 2014.

GOMES, K. **A ESCALADA EM BELO HORIZONTE - MG**: um estudo sobre a constituição do subcampo esportivo da escalada e as transformações do habitus. Orientador: Sílvio Ricardo da Silva. 122 p. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

INÁCIO, H. L. D. *et al.* **Travessuras e artes na natureza: movimentos de uma sinfonia**. In: SILVA, A. M.; DAMIANI, I. R. (Org.). *Práticas corporais*. Florianópolis: Nauemblu, 2005. p. 81-105.

ISAYAMA, H. Atuação profissional no campo do lazer. In: ISAYAMA, H. F, SÁ, E. **Lazer, empresa e atuação profissional**. Brasília: Sesi, 2006.

ISAYAMA, H. **Recreação e lazer como integrantes de currículos dos cursos de graduação em Educação Física**. Orientador: Nelson Carvalho Marcellino. 2002. 197 p. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2002.

JUNQUILHO, G. Gestão e ação gerencial nas organizações contemporâneas: para além do “folclore” e o “fato”. **Revista Gestão & Produção**, São Carlos, v.8, n.3, p. 304-318, dez. 2001.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. 342 p.

LE BRETON, D. Risco e lazer na natureza. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. (Org.). **Viagens, Lazer e Esporte**: o espaço da natureza. São Paulo: Manole, 2006. p. 94-117 *apud* MARINHO, A. Lazer, Aventura e Risco: reflexões sobre atividades realizadas na natureza. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p.181-206, mai./ago. 2008.

MACIEL JUNIOR, M.; ISAYAMA, H. O lazer na atuação profissional de professores de educação física em escolinhas de futebol na cidade de Belo Horizonte. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo horizonte, v. 5, n. 3, p 32-48, dez. 2018.

MARCELLINO, N. A relação teoria e prática na formação profissional em lazer. In: ISAYAMA, H. (Org.). **Lazer em estudo**: currículo e formação profissional. Campinas: Papyrus, 2010. p. 59- 85.

MARINHO, A. Lazer, Aventura e Risco: reflexões sobre atividades realizadas na natureza. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p.181-206, mai./ago. 2008.

MARINHO, A.; PIMENTEL, G. Dos clássicos aos contemporâneos: revendo e conhecendo importantes categorias referentes às teorias do lazer. In: PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis (Org.). **Teorias do Lazer**. Maringá: Eduem, 2010. v. 1, Cap. 1. p. 11-41.

MELO, V.; ALVES JUNIOR, E. **Introdução ao lazer**. Ed.2ª, São Paulo: Manole, 2011. 116

MINAYO, M. C. S. Ciência, Técnica e Arte: O desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, M.; DESLANDES S.; CRUZ NETO, O. GOMES, R. **Pesquisa social**. 21 Ed. Petrópolis: Vozes, 2002. v.1, Capítulo 1, p. 9-29.

PAIXÃO, J. A. Entre a Aventura a o Risco: Formação e Atuação Profissional de Instrutores de Esporte de Aventura no Estado de Minas Gerais. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 14, n. 1, p.257-271, jan. 2015.

PAIXÃO, J. A. et al. Risco e aventura no esporte na percepção do instrutor. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p.415-425, ago. 2011.

PAIXÃO, J. Entre a Aventura a o Risco: Formação e Atuação Profissional de Instrutores de Esporte de Aventura no Estado de Minas Gerais. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 14, n. 1, p.257-271, jan. 2015.

PAIXÃO, J. et al. Risco e aventura no esporte na percepção do instrutor. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p.415-425, ago. 2011.

PAIXÃO, J.; TUCHER, G. Risco e Aventura por entre as Montanhas de Minas: o Perfil do Instrutor de Esporte de Aventura. **Revista Pensar A Prática**, Goiânia, v. 13, n. 3, p.1-19, 31 dez. 2010.

PEREIRA, D. et al. Escalada esportiva no brasil: o retrato dos atletas profissionais e amadores **Revista Arquivos em Movimento**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, 241-255, jan./jul. 2019.

PEREIRA, D.; AMBRUST, I.; RICARDO, D. Esportes radicais, de Aventura e ação: conceitos, classificações e características. **Revista Corpoconsciência**. Santo André, v.12, n.1, 18-34, jan./jun., 2008.

PIMENTEL, G. Atividades de Aventura: uma Terminologia Aporética. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 3, p.687-700, jul. 2013.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013. 277 p.

RIBEIRO, E. A. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. **Evidência**, Araxá, v. 1, n. 4, p.129-148, 2008.

ROSADO, A. Estudo da Competência de Diagnóstico e Prescrição Pedagógica em Tarefas Desportivas. **UTL-FMH**, Lisboa. 2000. *Apud* CARVALHINHO, L. **Os Técnicos e as Atividades de Desporto de Natureza: Análise da formação, funções e Competências Profissionais**. 2006. 332 f. Tese (Doutorado) - Curso de Escola Superior de Desporto, Universidade de Trás-os-montes e Alto Douro, Santarém, 2006.

SÁNCHEZ, A.; GARCÍA, J.; RAMA, M. Nature sports: state of the art of research. **Annals Of Leisure Research**, [online], v. 23, n. 1, p. 52-78, fev. 2019.

SCHWARTZ, G. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. **Licere**, Belo Horizonte, v. 2, n.1, p. 23-31, 2003

SCHWARTZ, G.; CARNICELLI FILHO, S. (Desin)Formação profissional e atividades de aventura: focalizando os guias de "Rafting". **Revista Brasileira de Educação Física**, São Paulo, v. 20, n. 2, p.103-109, abr. 2006.

SILVA, A.; DAMIANI, I. As práticas corporais na contemporaneidade: pressupostos de um campo de pesquisa e intervenção social. In: SILVA, A.; DAMIANI, I. **Práticas Corporais: gênese de um movimento investigativo em educação física**. 1ª ed. Florianópolis: Naembru Ciência & Arte, 2005, Capítulo 2, p. 17-27.

SILVA, T. **Documento de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 158 p.

STOPPA, E.; ISAYAMA, H. Lazer, Mercado de Trabalho e Atuação Profissional. In: WERNECK, C.; STOPPA, E.; ISAYAMA, H. **Lazer e Mercado**. 1ªEd. Campinas: Papyrus, 2001. Cap. 3. p. 71-99.

TAHARA, A.; CARNICELLI FILHO, S. Atividades físicas de aventura na natureza (AFAN) e academias de ginástica: motivos de aderência e benefícios advindos da prática. **Movimento**. Porto Alegre, v.15, n. 3, p. 187-208, jul./set. 2009.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. *apud* MACIEL JUNIOR, M.; ISAYAMA, H. O lazer na atuação profissional de professores de educação física em escolinhas de futebol na cidade de Belo Horizonte. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo horizonte, v. 5, n. 3, p 32-48, dez. 2018.

TASCHNER, G. Lazer, Cultura e Consumo. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 40, n. 4, p.38-47, out/dez. 200.

TEIXEIRA, F.; MARINHO, A. Atividades de aventura: reflexões sobre a produção científica brasileira. **Motriz**. Rio Claro, v.16, n. 3, p. 536-548, jul./set. 2010.

TEODORO, M. **As atividades de aventura e os profissionais que atuam nesse campo, sob a ótica dos professores das instituições de ensino superior e dos gestores das empresas do setor em Belo Horizonte**. Orientadora: Ana Claudia Porfírio Couto. 105 p. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2002. 419 p.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Ed. Atlas, 1987. 175 p.

WERNECK, C.; ISAYAMA, H. Lazer, Cultura, Indústria Cultural e Consumo. In: WERNECK, C.; STOPPA, E.; ISAYAMA, H. **Lazer e Mercado**. 1ªEd. Campinas: Papyrus, 2001. Cap. 1. p. 45-69

ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome:

Idade:

Tempo no mercado profissional:

Tempo de mercado profissional de aventura:

Fale sobre sua empresa:

1. Área de formação (graduação, pós-graduação, cursos de especialização)
2. Que experiências envolvem a sua trajetória profissional fora do mercado de aventura?
3. Em relação às Atividades de Aventura, quais são as suas experiências?
4. Você ou a sua equipe oferecem cursos de formação que envolvem na área de aventura?
5. No decorrer de sua carreira, que perfil você identificou em relação aos profissionais atuantes no mercado de aventura?
6. Qual o seu nível de satisfação em relação a esses profissionais? Você acredita que eles cumprem com as exigências do mercado?
7. Quais funções, habilidades e competências profissionais você entende como importante para o mercado de aventura?
8. Considerando a sua trajetória no mercado de aventura apresente um breve histórico em relação a sua percepção de transformação no mercado.
9. Quais são as suas expectativas em relação ao mercado de aventura em BH?
10. Gostaria de falar algo mais a respeito da temática.

ANEXO B - TCLE

Termo de consentimento livre e esclarecido de participação em pesquisa

Título: Diálogos entre o Mercado de Atividades de Aventura e a Educação

Física

Universidade Federal de Minas Gerais

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

Termo de consentimento livre e esclarecido relativo à pesquisa de
Conclusão de Curso da estudante Isabella Guimarães Lima e Silva

E-mail: isaguili22@gmail.com

Telefone de contato: (31) 975271961

Orientador: Prof.Ms. Luiz Gustavo Nicácio

Prezado(a) gestor(a), você está sendo convidado(a) a participar de maneira voluntária da pesquisa do trabalho de conclusão de curso da estudante Isabella Guimarães Lima e Silva, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Neste momento sua contribuição consiste em participar de uma entrevista em formato semiestruturado.

Essa pesquisa tem por objetivo traçar um panorama do mercado de aventura na cidade de Belo Horizonte a partir da percepção de gestores já estabelecidos na área. Para isso, pretende-se identificar as trajetórias de formação dos gestores, o perfil dos profissionais com os quais eles já atuaram, as transformações observadas no mercado e as expectativas para o mesmo. Esta pesquisa se justifica pelo caráter promissor apresentado pelo mercado de aventura que implica a necessidade de estudos que possam orientar profissionais a direcionarem sua formação para atuar nesse nicho mercadológico.

A entrevista será gravada, transcrita e analisada para os fins desse trabalho como fonte de dados, a mesma será conduzida pessoalmente pela pesquisadora e o tempo previsto de duração compreende um período de 30 a 40 minutos. O(a) entrevistado(a) será identificado(a) apenas por um número ou nome fictício e sua identidade não será revelada publicamente.

Caso aceite participar, assine este termo. Cabe ressaltar que, a qualquer momento, você poderá retirar sua participação por qualquer motivo, sem nenhum ônus. É importante informar que a participação na pesquisa é totalmente voluntária não cabendo nenhum tipo de remuneração. Todos os dados aqui coletados serão

utilizados somente para fins desta pesquisa. Coloco-me a disposição para quaisquer dúvidas que surjam sobre a pesquisa e agradeço a contribuição.

Diante de tais esclarecimentos eu,

me proponho a participar como voluntário da presente pesquisa.

Data: ___ / ___ / ___

Assinatura do voluntário

Assinatura do pesquisador

ANEXO C – QUADRO 1: ANÁLISE DE CONTEÚDO

Categorias de Análise										
Trajetória dos gestores		Percepção acerca dos profissionais			Habilidades e conhecimentos considerados relevantes				Visão do mercado	
Atividades de aventura enquanto prática de lazer	Histórico de experiências em administração/em empreendedorismo	Pessoas que possuem o interesse pessoal e a paixão pelas AA	Área acadêmica de formação inespecífica	Formação profissional constituída de experiências pautadas na prática e em cursos diversos	Conhecimento técnico a respeito da atividade	Capacidade para prever e lidar com situações de risco	Proatividade	Formação em Educação Física	Mercado na atualidade	Expectativas
já pratiquei outros esportes	área de orçamento	a maioria de nós é apaixonado	não tem formação específica	pessoas que já tem vivência com a escalada	técnica do esporte	curso de primeiros socorros	eu sei que esse menino aqui é bom no resgate quando ele tem interesse	estou cursando educação física (...) era interessante eu entender melhor a prática esportiva de uma forma geral	a gente meio teve que criar as ferramentas pra fazê-lo ficar profissional,	eu acredito que com essa força que o mercado tá tomando (...) muita gente tá querendo fazer
escalada	loja de equipamento de segurança	paixão, interesse e prazer	não existe uma formação acadêmica especializada	a gente tem experiência	ter conhecimento na área do esporte	têm que prestar qualquer pronto-atendimento, se precisar tirar de lá carregado, a equipe de resgate tem que ter essa preparação	a principal coisa que tem que ter é a proatividade	os profissionais de educação física, pra trabalhar, principalmente com a escalada, é uma coisa bem nova	a gente era os primeiros	tem mercado financeiro pra isso
paraglider	organização do evento do que propriamente aventura	ele via minha paixão	outros foram colocados pelas outras áreas, no caso, formação em curso superior	eu fazia resgate de trilha	formação muito boa na área de montanhismo	curso de bombeiro técnico de socorrismo	interesse de se preparar pra esse mercado	naturalmente é desejável que ele tenha uma formação na área de educação física	meu professor é da geração que inventou o trekking	espero que os órgãos públicos desenvolvam estudos

mergulho	administração	tem que gostar do esporte, seja ele qual for	Advogados	professores são praticantes	capacitação, no sentido técnica no tocante a escalada rígida, forte e consistente	técnicas de segurança	a pessoa tem que ter uma vontade de trabalhar muito grande	acredito que a gente vai ver um adensamento de profissionais com esse perfil (graduado em educação física) nos próximos anos	dificuldade nossa era tudo primeiro	estamos no mercado esperando um pouquinho melhorar
experiência muito grande na área de escalada	aluguel de imóveis	interesse pessoal	estudantes de medicina	experiência literalmente na prática	conhecimento técnico, você simplesmente não aprende de um dia para outro a escalar	ter curso de primeiros socorros, aprofundar em outros cursos		desejável a formação em educação física	as primeiras provas que aconteciam, não existia um equipamento	vinte anos atrás acreditava que em 5/10 anos a gente fosse vivenciar alguma coisa maior/mais forte
excursionismo	se você for trabalhar no lado da gestão, você tem que ter uma veia de empreendedorismo	são pessoas que são apaixonadas pelo montanhismo, pela vivência em montanha	perfil muito diverso	fui desenvolvendo essa prática e aí isso me dá esse conhecimento		é um trabalho de natureza perigosa			ainda não tá bem definido legalmente	o tanto que ele cresceu não se traduz em uma quantidade expressiva de pessoas

montanhismo	comércio exterior			não estava ligado exatamente só a área de formação		habilitado com relação a primeiros socorros			não é um esporte oficial, não tá nas olimpíadas, é muito novo	uma janela superior a 2 anos (...) haverá meio circulante, com o qual a população/o público em geral consiga justificar a adesão a novas possibilidades, tanto de lazer quanto de esporte
trekking									começou a profissionalizar em cima disso, gerando campeonato, essa estrutura...	
caminhada contemplativa									o Lazer ainda está muito incipiente, muito no começo aqui	
									todo mundo que estava escalando, você conhecia	
									no início dos anos 90, mais especificamente 1990, nós tínhamos quatro/seis áreas de escalada aqui na região metropolitana de Belo Horizonte	

									eu acho que o que falta é estrutura e profissionalismo de base	
									todas as semanas nós temos uma quantidade de público que chega na academia, movido aqui pela curiosidade	
									antigamente era raro ver alguém "ah eu faço escalada" e hoje não, já tem uma divulgação grande	
									quatro ou cinco espaços de escalada que todos na minha avaliação estão subutilizados	